



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS

RAFAEL DA CUNHA OLIVEIRA

**VLADIMIR PUTIN E A PROJEÇÃO DA IMAGEM RUSSA NA
EUROPA**

BRASÍLIA

2017

RAFAEL DA CUNHA OLIVEIRA

**VLADIMIR PUTIN E A PROJEÇÃO DA IMAGEM RUSSA NA
EUROPA**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de bacharelado em
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB)
Orientador: Prof. Renato Zerbini R. Leão

BRASÍLIA

2017

RAFAEL DA CUNHA OLIVEIRA

**VLADIMIR PUTIN E A PROJEÇÃO DA IMAGEM RUSSA NA
EUROPA**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de bacharelado em
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB)
Orientador: Prof. Renato Zerbini R. Leão

Brasília, ____ de _____ de 2017

Banca Examinadora

Prof. Renato Zerbini Ribeiro Leão
Orientador

Professor Examinador

Professor Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças em momentos de fraqueza, sabedoria para lidar com as informações adquiridas, discernimento para diferenciar elementos relevantes dos irrelevantes e saúde para chegar até esse ponto.

Aos meus pais Luiz Eduardo e Cristiane e avós José Augusto e Dinorah pelo farto suporte emocional e financeiro, sem os quais tal tarefa seria muito mais árdua, além de servirem como referência positiva em virtude de suas condutas ilibadas, persistência e sagacidade.

Ao meu irmão Luiz David, cuja inteligência me desperta a boa rivalidade e cujo companheirismo me é dado sem relutância.

Ao meu orientador Renato Zerbini, cuja visão serena da realidade me serviu de inspiração e cujo auxílio foi de grande importância para mim. Ao corpo docente do Uniceub pelo seu profissionalismo e dedicação.

Aos que tive a oportunidade de ser aprendiz e absorver conhecimentos práticos na área de Relações Internacionais, Matheus Batalha, Jackson Luiz e Luiz Fernando, que lideraram pelo exemplo e me ajudaram a melhor compreender elementos de política internacional, no âmbito de uma empresa privada e de Estado.

Aos meus familiares que vibram com as minhas conquistas, torcem pelo meu crescimento e manifestam carinho a seu modo. Por limitação de espaço, abster-me-ei de mencioná-los nominalmente.

Aos grandes amigos que fiz ao longo do caminho, cujas conquistas me alegram e me estimulam a estar no mesmo patamar. Por ordem cronológica e fatalmente caindo na injustiça de deixar de citar alguns que me foram de grande apreço: Tunai, Saulo, Júlio, Lucas, Breno, Thaís, Ana Luiza, José Francisco, João Ricardo, Anderson e Marx Valerius.

Ao companheirismo e lições compartilhadas pelos que por alguns meses foram parte da minha família enquanto estudantes de intercâmbio: Tevi, Laura, Maurício, Elia e Narimane. Às famílias que tiveram a paciência, compreensão e carinho durante a minha estadia exterior: Johansen, Petersen, Weisbrod, Poulsen, Sundt e Witkowski.

Aos membros do Rotaract Club Brasília Cerrado, cujo companheirismo através do servir foi de grande suporte durante a minha estadia em Brasília.

“A arte da guerra consiste substancialmente de engodo”.

Sun Tzu

RESUMO

A criação, manutenção, reformulação e manipulação de imagens nas Relações Internacionais são tidas como formas relativamente baratas de se obterem ganhos nas relações entre Estados, ou seja, um mecanismo de poder. De modo a atingir tais incrementos potenciais, a política externa russa tem se dedicado à promoção da cultura, língua e sistema de educação russos como atrativos e competitivos; à contenção da descrição negativa, por parte da mídia estrangeira, das políticas russa e do *Russian way of life*; e à criação de um grupo de amigos da Rússia pelo mundo. Com o fim da União Soviética, a Rússia deixou de ser um pária para o Ocidente e adquiriu acesso a mercados, crédito, tecnologia e empresas de relações públicas ocidentais, o que permitiu ao Kremlin disseminar a propaganda estatal russa diretamente ao exterior via canais de notícia em língua estrangeira, utilizando-se da televisão e da Internet; disseminar a propaganda estatal russa indiretamente via mídia ocidental; assumir o controle de jornais ocidentais; assumir o controle de novas redes sociais e estabelecer *websites* favoráveis ao Kremlin; estabelecer presença ativa em blogs e fóruns de discussão; financiar políticos e/ou partidos no Ocidente; reativar círculos de espionagem com o objetivo de penetrar círculos políticos de influência; e ativar a Igreja Ortodoxa Russa como instrumento de *soft power*. A Rússia tem buscado se configurar como uma alternativa ideológica à União Europeia (UE) e, após a anexação da Criméia, passou a ser vista como agressiva, auto-interessada, não respeitadora das leis internacionais e presa à mentalidade da Guerra Fria de bloco contra bloco e à lógica das esferas de influência, pela qual se opõe à UE como rival. O modo do Kremlin de lutar a ‘guerra de informação’ tem sido a disseminação da sua própria mensagem, minando e contestando aquelas dos demais de modo a vencer a guerra nas mentalidades e corações da população de países-alvo.

Palavras-chave: Imagens; Relações Internacionais; Rússia.

ABSTRACT

Creation, maintenance, reformulation and manipulation of images in International Relations are seen as relatively inexpensive ways to obtain gains in relations among states, that is, a mechanism of power. In order to achieve such potential increments, Russian foreign policy has been dedicated to the promotion of the Russian culture, language and education system as attractive and competitive; to the containment of the negative description, by foreign media, of Russian policies and the Russian way of life; and to the creation of a group of friends of Russia around the world. After the fall of the Soviet Union, Russia ceased to be a pariah to the West and gained access to markets, credit, technology and Western public relations companies, which allowed the Kremlin to spread Russian state propaganda directly abroad via news channels in a foreign language, using television and the Internet; disseminate Russian state propaganda indirectly via Western media; take control of Western newspapers; take control of new social networks and establish websites favorable to the Kremlin; establish active presence in blogs and discussion forums; finance politicians and / or parties in the West; reactivate circles of espionage in order to penetrate political circles of influence; and activate the Russian Orthodox Church as a soft power instrument. Russia has sought to establish itself as an ideological alternative to the European Union (EU) and, following the annexation of the Crimea, has come to be seen as aggressive, self-interested, non-respectful of international law and trapped in the Cold War mentality of block against block and in the logic of spheres of influence, by which it opposes the EU as a rival. The Kremlin's way of fighting the 'information war' has been the dissemination of its own message, undermining and challenging those of others in order to win the war in the minds and hearts of the population of target countries.

Keywords: Images; International Relations; Russia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A imagem russa na Europa pós Guerra Fria.....	10
1.1. Imagens em Relações Internacionais.....	11
1.2. A auto-imagem russa.....	21
1.3. A imagem russa na Europa.....	23
1.4. A imagem russa na Alemanha.....	24
1.5. A imagem russa na França.....	26
1.6. A imagem russa nos países bálticos e na Finlândia.....	27
1.7. A imagem russa no Reino Unido.....	29
1.8. A imagem russa na Ucrânia.....	30
1.9. A imagem projetada pela Rússia.....	31
1.10. A imagem desejada pela Rússia.....	32
2. Concepção russa de <i>soft power</i>.....	34
2.1. O papel das empresas de Relações Públicas ocidentais e de fóruns internacionais.....	37
2.2. A ofensiva de propaganda.....	38
2.3. O financiamento de políticos e partidos políticos.....	41
2.4. O papel da Igreja Ortodoxa Russa.....	42
3. A projeção russa sob o governo Putin.....	45
3.1. Evolução do <i>nation branding</i> russo durante os governos Putin.....	48
3.2. Estagnação da imagem russa?.....	52
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Há virtualmente um consenso dentre os autores de Relações Internacionais de que predomina nas interações entre os Estados uma luta constante, com diferentes graus de intensidade, por incremento de poder, vista por muitos como um jogo de soma zero, ou seja, a otimização potencial de uns ocorre em detrimento de outros. Dado que a guerra convencional, tradicional meio para se obter ganhos nas relações entre nações, é uma opção bastante dispendiosa, tanto em recursos humanos quanto materiais, a criação, manutenção, reformulação e manipulação de imagens se demonstram como instrumentos eficientes e baratos para se obter vantagens competitivas no sistema internacional.

O presente estudo se encontra dividido em três capítulos, sendo abordada no primeiro a imagem russa na Europa pós Guerra Fria, desde a sua auto-imagem e imagens projetadas e desejadas à sua percepção no continente europeu, com foco na Alemanha, França, países Bálticos, Finlândia, Reino Unido e Ucrânia. O segundo capítulo traz à tona a concepção russa de *soft power* e o papel das empresas de Relações Públicas ocidentais, de fóruns internacionais, da propaganda, da Igreja Ortodoxa Russa e dos financiamentos de políticos e partidos políticos europeus na consecução dos objetivos da agenda do Kremlin. O terceiro capítulo aborda a projeção russa sob os governos Putin e percepções acerca da sua eficiência. Tais divisões e subdivisões se deram tendo em vista a clareza conceitual, metodológica e temporal.

Esse trabalho visa responder ao problema de pesquisa de como a projeção da imagem russa tem se dado na Europa desde a ascensão de Vladimir Putin à presidência da Federação Russa, apresentando os meios utilizados para a consolidação da percepção russa almejada pelo Kremlin nos países-alvo, tanto pelos seus governantes e elites como pelos estratos populares. Tenta-se, ao final, auferir o sucesso da agenda russa no que concerne ao incremento da imagem do país na região em destaque.

Levando-se em consideração o interesse de Putin em melhorar a percepção da Rússia nas relações internacionais – sendo o continente europeu uma das suas prioridades – o aumento significativo dos recursos destinados ao incremento da imagem russa e a diversificação dos meios utilizados para tal, a hipótese desse estudo é de que em breve cientistas sociais se depararão com uma percepção russa na Europa completamente diferente daquela dos anos 1990 e mesmo do início dos anos 2000, havendo ganhos de incremento de imagem por parte da Federação Russa.

1. A imagem russa na Europa pós Guerra Fria

Taras afirma que após o fim da Guerra Fria – identidade – não ideologia – e recíprocas imagens estatais e percepções do demais – não equilíbrio nuclear – se tornaram fatores-chave na promessa de um bom entendimento das relações internacionais.¹ Não obstante, levantamento feito em 2012 por The Pew Research Foundation's Global Attitudes Project mostra que cidadãos de muitos países têm uma visão desfavorável em relação à Rússia contemporânea.² Lebedeva afirma que ainda que a Rússia tenha perdido o *status* de super potência com o esfacelamento da União Soviética, a sua posição geográfica, tamanho e outros aspectos são tidos por acadêmicos russos como razão suficiente para a recuperação dessa condição.³ Forss comenta que, como ex-superpotência militar ainda com capacidade para destruir o mundo diversas vezes, a Rússia vê no respeito a sua grandeza, sendo este compreendido pela elite conservadora russa como a habilidade de invocar medo.⁴

Feklyunina discorre que, logo após o desmembramento da União Soviética, as autoridades russas negligenciaram esforços coordenados de projeção de imagens, mas que receberam um reforço grande no início dos anos 2000, focando primeiramente no Leste Europeu, onde projetou a narrativa de pertencimento da Rússia ao espaço europeu, enfatizando a sua confiabilidade enquanto parceiro comercial. Nesse período, destaca a autora, o país se utilizou de diversos mecanismos para a promoção da língua russa, como mídia em idioma russo, a Igreja Ortodoxa Russa (IOR) e redes comerciais, focando inicialmente em grupos de etnia e fala russa.⁵

Galeotti afirma haver uma dimensão de 'guerra de inteligência' além da 'guerra militar' e que o Kremlin tem alocado recursos especiais para a sua comunidade de inteligência. Segundo o autor, o Serviço Secreto de Inteligência (SVR), o Diretório Central de

¹ TARAS, Ray. *Russia's Identity in International Relations: Images, perceptions, misperceptions*. Routledge, New York, 2013, p. 2.

² Pew Research Global Attitudes Project, Global Indicators Database, 2012.

³ LEBEDEVA, M. M. *International Relations Studies in the USSR/Russia: Is there a Russian National School of IR Studies?*. *Global Society*, 18, 3, 2004, pp. 263 – 278.

⁴ FORSS, Stefan. *Russian Military Thinking and Threat Perception – A Finnish view*. CERi STRATEGY PAPERS, no. 5, 2009, p. 3.

⁵ FEKLYUNINA, V. *Soft Power and Identity: Russia, Ukraine and the 'Russian World(s)'*. *European Journal of International Relations* 2016, 22 (4), pp. 773-796.

Inteligência (GRU, inteligência militar) e até mesmo o Serviço Federal de Segurança (FSB), que tem aumentado o seu envolvimento em operações estrangeiras, não são apenas agências designadas para a coleta de informações sobre capacidades e intenções estrangeiras, mas também instrumentos de guerra não linear, espalhando desinformação, encorajando deserções e quebrando e corrompendo linhas de comando e comunicações.⁶ Segundo Mitrokhin, tais medidas objetivam exercer influência útil no âmbito político e na política estrangeira de países-alvo, enganando-os, minando e enfraquecendo as suas posições.⁷ Para Pomerantsev, esse tem sido o modo do Kremlin de lutar a ‘guerra de informação’, disseminando a sua própria mensagem e minando e contestando aquelas dos demais de modo a vencer a guerra nas mentalidades e corações da população de países-alvo.⁸

1.1. Imagens em Relações Internacionais

O ‘poder’ tem sido proeminente nas discussões sobre interações internacionais desde Tucídides, afirma Baldwin.⁹ Hobbes o define como meio para obter algum bem aparente no futuro,¹⁰ Handgraaf et al. como a possibilidade de influenciar outros,¹¹ Freeman como a capacidade de direcionar as decisões e ações de outros,¹² Payne como a capacidade de levar os outros - indivíduos, grupos ou nações - a comportar-se de maneira que

⁶ GALEOTTI, Mark. ‘Hybrid War’ and ‘Little Green Men’: How It Works, and How It Doesn’t. In: *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, p. 158 - 159.

⁷ MITROKHIN, Vasiliy. *KGB Lexicon: The Soviet Intelligence Officer's Handbook*. Routledge, London, 2002, p. 13.

⁸ POMERANTSEV, P. & WEISS, M. *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money*, The Interpreter, 2014.

⁹ BALDWIN, David A.. *Power and International Relations*. Princeton, 2012.

¹⁰ HOBBS, Thomas. *Leviathan or the matter forme and power of a commonwealth ecclesiastical and civil*. The University of Adelaide Library, 2016, Ch. 10.

¹¹ HANDGRAAF, Michel J. J.; VAN DIJK, Eric; VERMUNT, Riël C.; WILKE, Henk A. M. & DE DREU, Carsten K. W. *Less power or powerless? Egocentric empathy gaps and the irony of having little versus no power in social decision making*. *Journal of Personality and Social Psychology*. 2008, 95 (5): 1136–1149.

¹² MARCELLA, Gabriel. *National Security and the Interagency Process*. In BARTHOLOMEES, Jr., J. Boone. *U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy*. United States Army War College, 2004, p. 239.

normalmente não o fariam,¹³ Dahl como a noção básica intuitiva de A causar - ou ter a capacidade de causar- B a fazer algo que B de outra forma não faria¹⁴ e Viotti & Kauppi como os meios pelos quais um Estado ou outro ator exerce ou pode afirmar uma influência ou coerção real ou potencial em relação a outros Estados e atores não estatais devido às capacidades políticas, geográficas, econômicas e financeiras, tecnológicas, militares, sociais, culturais ou outras que possui.¹⁵ Arendt não acreditava que ele nascia do tambor de um revolver, pois apesar de tal método causar a imediata obediência da outra parte, ela cessa tão logo a arma é removida.¹⁶ Devido à quantidade de conceitos disponíveis, Gallie afirma que ‘poder’ é um conceito essencialmente contestado.¹⁷

Nas últimas duas décadas, os estudiosos de Relações Internacionais desenvolveram termos como *hard power*,¹⁸ *soft power*,¹⁹ *smart power*,²⁰ *structural power*,²¹ *productive power*,²² *normative power*,²³ *network power*,²⁴ *symbolic power*²⁵ e *communicative*

¹³ PAYNE, R.. *Global Issues*. New York, New York. Pearson, 2013.

¹⁴ DAHL, Robert A.. *The Concept of Power*. Behavioral Science, 1957, Vol 2, pp. 201-215.

¹⁵ VIOTTI, P. R. & KAUPPI, M. V.. *International Relations and World Politics*, Fifth Edition. New York, New York. Pearson, 2013, p. 202.

¹⁶ ARENDT, Hannah. *The Impotence of Power*. In: *Dissent, Power and Confrontation*, edited by Alexander Klein. New York: McGraw Hill, 1971, p. 213.

¹⁷ GALLIE, W. B.. *Essentially Contested Concept*. Proceedings of the Aristotelian Society, New Series, Vol. 56, 1956.

¹⁸ MORGENTHAU, Hans J. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*. Alfred A. Knopf, New York, 1950.

¹⁹ NYE, Joseph S., Jr.. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.

²⁰ NYE, Joseph S., Jr. & ARMITAGE, Richard L.. *A Smarter, more secure America, CSIS Commission on Smart Power*. Washington, 2006.

²¹ STRANGE, Susan. *States and Markets: An Introduction to International Political Economy*. Bloomsbury Academic; 2nd Ed., 1998.

²² BARNETT, Michael & DUVALL, Raymond. *Power in Global Governance*. Cambridge University Press, 2005.

²³ DIEZ, Thomas & MANNERS, Ian. *Reflecting on Normative Power Europe*. In: *Power in World Politics*. BERENSKOETTER, Felix & WILLIAMS, M.J. (eds.). New York: Routledge, 2007.

²⁴ GREWAL, David. *Network Power: The Social Dynamics of Globalization*. New Haven: Yale University Press, 2010.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *Social Space and Symbolic Power*. Sociological Theory 7, Sociological Theory, Vol. 7, No. 1., 1989, pp. 14-25.

power,²⁶ cada uma dessas definições priorizando um conjunto de aspectos do poder. A criação, manutenção, reformulação e manipulação de imagens nas Relações Internacionais são tidas por Jervis como formas relativamente baratas de se obterem ganhos nas relações entre Estados, ou seja, um mecanismo de poder.²⁷

Wright definiu a política internacional como a influência dos principais grupos do mundo, de modo a promover os propósitos de alguns contra a oposição de outros.²⁸ Na visão de Gartzke, em um mundo multi-estatal, os competidores estarão em melhor situação se puderem limitar suas perdas, já que o esforço gasto na luta contra um concorrente não está disponível para competir com outros. Desse modo, quanto mais as nações se preocupam com os ganhos relativos, mais forte é o seu incentivo para encontrar alternativas à guerra. Sucesso ou fracasso diplomático, então, é o passo crítico intermediário que liga o poder à guerra ou à influência.²⁹ Harsanyi sugeriu que mais poder deveria ser atribuído a um ator que pode exercer influência a um preço baixo do que a um para quem é caro.³⁰

Epstein sugere que as tentativas de alteração do balanço global de poder se darão através de diversos conflitos de baixa intensidade, principalmente através da desinformação, em vez de guerras nucleares ou conflitos convencionais, por meio dos quais governos tentarão por meios pacíficos desfazer alianças econômicas e militares de adversários, desviar recursos de rivais para projetos quiméricos e enfraquecer a autoridade política e moral de oponentes.³¹

Feklyunina destaca que o interesse pelo estudo de imagens em relações internacionais surgiu nas décadas de 1950-1960, quando o interesse geral pela abordagem atitudinal levou ao incremento de atenção a fatores psicológicos na política. Segundo a autora,

²⁶ HABERMAS, Jürgen. "Hannah Arendt's Communicative Concept of Power." In: Hannah Arendt: Critical Essays, (eds.) HINCHMAN, Lewis P. & HINCHMAN, Sandra K.. Albany: State University of New York Press, 1994.

²⁷ JERVIS, Robert. *The logic of images in international relations*. Columbia University Press, New York, 1989, pp. 3 – 17.

²⁸ WRIGHT, Quinc. *The Study of International Relations*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1955, p. 130.

²⁹ GARTZKE, Erik. *The Relevance of Power in International Relations*. University of Pennsylvania, 2010.

³⁰ HARSANYI, John C.. *Measurement of Social Power, Opportunity Costs, and the Theory of Two-person Bargaining Games*. Behavioral Science, Vol 7, 1962, pp. 67-80.

³¹ EPSTEIN, Edward Jay. *Deception : the invisible war between the KGB and the CIA*. EJE Publication, New York, 2014, pp. 176 - 180.

embora os primeiros estudos de imagens nacionais concordem amplamente com a visão realista de que Estados se comportam de modo racional, eles ainda assim puseram as percepções no centro das suas atenções, concluindo que decisões na esfera da política exterior são frequentemente baseadas em imagens que elites políticas têm acerca de outros atores internacionais. A projeção dessas imagens é realizada basicamente através de três mecanismos: relações públicas, propaganda e diplomacia pública.³²

Jervis considera uma habilidade importante para um estadista a capacidade de influenciar no modo como outros Estados percebem a imagem da sua nação, portanto, o modo que acreditam que ela se comportará em determinados cenários,³³ ressaltando que enquanto que os elementos básicos de uma imagem podem ser difíceis de alterar, aspectos detalhados destes, que podem influenciar profundamente o modo de agir de um observador, são mais suscetíveis a mudanças. Entretanto, ele sugere que a geografia e a história de um Estado e em grande parte sua política interna, economia e sistemas sociais estão além da manipulação.³⁴

Boulding define imagem nacional como estrutura avaliativa, cognitiva e afetiva total da unidade comportamental, ou a sua visão interna de si própria e do seu universo, e, uma vez que imagens atuam como simplificadoras da realidade objetiva, Estados são sempre percebidos enquanto amigos ou inimigos e fortes ou fracos.³⁵ Feklyunina expõe que imagens são formadas e transformadas a partir de basicamente dois mecanismos psicológicos, a saber:³⁶

- Imagens tendem a resistir a mudanças, e, portanto, informações que contradigam imagens existentes têm grandes chances de serem ignoradas;
- É extremamente difícil para um ator sustentar uma imagem contraditória àquela percebida pela maioria dos atores.

³² FEKLYUNINA, V. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, pp. 12 – 26.

³³ JERVIS, Robert. *The logic of images in international relations*. Columbia University Press, New York, 1989, p. XIV.

³⁴ Idem, pp. 3 - 17.

³⁵ BOULDING, K. E. National Images and International Systems. *The Journal of Conflict Resolution*. 3, 2, pp. 120 – 131.

³⁶ Op. cit.

A autora subdivide as imagens em três tipos:³⁷

- Auto-imagem, que consiste na visão de determinado ator sobre si próprio;
- Imagens percebidas, que são aquelas de um país concebidas por outros atores internacionais;
- Imagens projetadas, constituídas por aquelas promovidas por determinado país, tanto no âmbito doméstico quanto internacional, sendo utilizados basicamente três mecanismos:
 - I. Propaganda, definida por Nelson como uma forma sistemática de persuasão proposital que visa influenciar as emoções, atitudes, opiniões e ações de audiências-alvo específicas com fins ideológicos, políticos ou comerciais, através da transmissão controlada de mensagens unilaterais (que podem ser factuais ou não) por meio de canais de mídia de massa de massa e diretos.³⁸ Lippmann a define de modo mais simplificado como o esforço para alterar a imagem à qual os homens respondem, substituindo um padrão social por outro.³⁹ Para Welch, não se trata apenas de persuadir descrentes ou apenas dizer inverdades e mentiras. Quanto ao primeiro aspecto, na maioria das vezes, ela se preocupa em reforçar tendências e crenças existentes, de modo a aguçá-las. Em relação ao segundo, trata-se de uma convicção equivocada. Ela opera com diferentes tipos de verdades – de completas mentiras, meias verdades a verdades dentro de um contexto.⁴⁰ Van Herpen destaca que meias verdades e verdades dentro de um contexto têm um papel importante em campanhas de desinformação.⁴¹
 - II. Relações Públicas, interpretada por Kunczik como a arte da camuflagem e do engodo, que visa, sobretudo, que o público-alvo a ser influenciado

³⁷ Idem.

³⁸ NELSON, R.A., *A Chronology and Glossary of Propaganda in the United States*. Greenwood Press, Westport, 1996, p. 232.

³⁹ LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, p. 38.

⁴⁰ WELCH, David. *Nazi Propaganda: The Power and the Limitations*. Routledge, London, 2014, pp 1 – 10.

⁴¹ HERPEN, Marcel van. *Putin's propaganda machine: soft power and Russian foreign policy*. Rowman & Littlefield, London, 2016, p 1 - 10.

não se dê conta que está sendo submetido a uma atividade de Relações Públicas,⁴² sendo, em última análise, um jogo com a semântica.⁴³

III. Diplomacia Pública, de acordo com Gullion, lida com a influência de atitudes públicas na formação e execução de políticas externas, englobando dimensões de relações internacionais além da diplomacia tradicional, o cultivo por governos da opinião pública de outros países, a interação de interesses e grupos privados em um país com outro, o relato de assuntos estrangeiros e o seu impacto na política, a comunicação entre aqueles cujo trabalho é a comunicação, tanto diplomatas quanto correspondentes estrangeiros, e o processo de comunicação intercultural.⁴⁴

Karaganov discorre que, aparentemente, a posição que países e sociedades ocupam no domínio da informação, ideias e imagens está se tornando crucial na determinação do poder e influência que eles contam. O autor defende que, simultaneamente, o mundo tem entrado em um período de caos intelectual, no qual velhas ideologias e explicações não se aplicam, enquanto que outras emergem e se ligam umas às outras – apenas para serem rejeitadas, inexistindo uma ideologia dominante, porém com a batalha ideológica ganhando ritmo.⁴⁵

Jervis defende que nações foram frequentemente mal-sucedidas em ver as outras de modo acurado, que quando Estados observam outros, eles tentam determinar quais as intenções do outro lado e quando tentam projetar uma imagem desejada, eles tentam levar em consideração como o outro lado a enxergará e como irá interpretá-la. O autor advoga que Estados desejam que outros tenham uma imagem desejada sobre eles, não necessariamente benigna (às vezes preferem ser temidos ou vistos como irracionais); não por questão de ego, mas de poder, e que um importante instrumento estatal é a habilidade

⁴² KUNCZIK, M. *Images of Nations and International Public Relations*. Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey, 1997, pp. x – xi.

⁴³ _____. *Public relations: Konzepte und Theorien*. Bohlau, 1993, p. 15.

⁴⁴ CULL, Nicholas J. *"Public Diplomacy" Before Gullion: The Evolution of a Phrase*. University of Southern California, Center on Public Diplomacy, 2006.

⁴⁵ KARAGANOV, Sergei. *Russia in the World of Ideas and Images*. Russia in Global Affairs, 2012.

de afetar a imagem que outros têm sobre o seu Estado e, portanto, induzir às crenças de terceiros sobre como ele se comportará.⁴⁶

Jervis identifica a desinformação como um elemento central frequente em preocupações estatais, de modo que um Estado que deseja projetar uma imagem enganosa tentará imitar a informação que seria fornecida pelo Estado que se encaixaria nessa imagem, ou seja, aquela que outros esperariam de tal Estado. Portanto, o autor sustenta que a percepção de que a desinformação é possível significa que observadores têm que escrutinar informações sobre outros com essa possibilidade em mente e que o fato de que um enganador e um Estado que realmente tem a determinada intenção tentarão se comportar da mesma maneira cria grandes dificuldades para o observador.⁴⁷ Rapoport, por sua vez, faz um alerta através da metáfora de que se pode passar a vida inteira observando o oceano em busca de um padrão de comportamento das ondas e no final das contas não estar em melhor condição que no ponto inicial no que se refere à essência do movimento.⁴⁸

Uma imagem desejada pode ser frequentemente de maior utilidade que um incremento significativo em poder econômico e militar, segundo Jervis. O autor menciona que a fim de que outros comprem determinada imagem, um Estado deve atuar conforme tal imagem, dar provas de que tal imagem é acurada, e, de modo a aparentar ser inquebrantável sob pressão, um Estado deve sempre, ou quase sempre, permanecer firme. O autor destaca que o risco envolvido em permanecer firme em uma questão menor pode ser compensado se houver uma boa probabilidade de que isso convencerá outros da capacidade estatal de resolução.⁴⁹

Jervis leva em consideração dois conceitos sobre o tema em questão: índices e sinais, sendo estes elementos que obtêm significado através de acordos tácitos ou explícitos, sendo emitidos principalmente para influenciar o receptor, como notas diplomáticas, manobras militares, extensão ou quebra de relações diplomáticas, dentre outros, e aqueles declarações e ações que carregam evidência intrínseca de que a imagem é correta porque eles são tidos como inextricavelmente ligados às capacidades ou às intenções do ator e incluem mensagens privadas interceptadas por terceiros, padrões de comportamento que revelam importante informação e ações significativas que envolvem altos custos. O autor

⁴⁶ JERVIS, Robert. *The logic of images in international relations*. Columbia University Press, New York, 1989, pp. xi - xix.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ RAPOPORT, Anatol. *Various Meanings of "Theory"*. University of Michigan, 1958.

⁴⁹ Op. Cit., pp. 3 – 17.

destaca que observadores que estão a tirar conclusões sobre tais elementos partem da premissa de que quem está sendo julgado não tem consciência disso ou, mais frequentemente, não é capaz de controlar tais aspectos comportamentais de modo a passar a impressão desejada, porém ilusória. Defende ainda que sinais enganosos são fáceis, uma vez que um ator pode simplesmente fazer uma declaração ou emitir um comunicado simbólico que é contrário as suas intenções, entretanto, comportamentos passados influenciam a percepção de terceiros. Além disso, sustenta que sinais não alteram as capacidades de um Estado e, portanto, não afetam diretamente o balanço de poder, e que índices envolvem a reputação de um Estado em prover o que se acredita ser uma amostra válida de traços e características consistentes. Portanto, segundo o autor, através de uma mostra hábil de uma figura consistente do seu comportamento passado, um Estado pode afetar o que outros pensam que ele fará no futuro.⁵⁰

Craig e Gilbert relatam que diplomatas de países democráticos em países totalitários na primeira metade do século passado se viam diante da inutilidade de seus métodos de análise de tendências políticas, baseados em interpretações da opinião pública local e de encontros políticos, em vez de basearem suas opiniões e recomendações em estudos intensos sobre desenvolvimento econômico e gastos militares.⁵¹ O exemplo em questão ilustra a manipulação de sinais por parte de nações como as que viviam sob a cortina de ferro, de modo a desinformar adversários.

Stock comenta que o modo como uma nação se percebe não pode ser inteiramente desassociada da percepção que outros têm sobre a mesma e como ela enxerga os demais. Segundo o autor, a construção da marca de uma nação, conhecida como *nation branding*, leva em consideração um número diferente de componentes, que não devem ser negligenciados nem observados de modo isolado.⁵²

- Identidade Nacional – baseada em elementos chaves como a linguagem, leis, território histórico, memória e mitos; trata-se de criar um vínculo emocional entre os cidadãos de determinado país, pois identidades nacionais fracas costumam produzir imagens

⁵⁰ Idem, pp. 18 – 25.

⁵¹ GILBERT, Felix & CRAIG, Gordon Alexander. *The Diplomats 1919 – 1939*. Princeton University, 1994, pp. 546 – 547.

⁵² STOCK, F. *Identity, Image and Brand: A Conceptual Framework*. In: *Place Branding and Public Diplomacy*, Vol 5, no. 2, 2009, pp. 120 - 123.

nacionais fracas. Faz-se necessário entendimento e ideias claras sobre como comunicar e promover essa identidade mundo afora;

- Ponto de Referência – provê o quadro contextual sobre como moldar o processo de formação de imagens. A identidade nacional se torna clara e significativa através de contrastes e comparações com outras nações;
- Imagem Construída – tal aspecto se refere ao modo como a população de uma nação se percebe e como outras a compreendem, estando vinculada a questões referentes à identidade nacional e à natureza dos esforços que serão requeridos a fim de modificar tal imagem, além de incluir um conjunto de crenças e associações em relação à nação em questão;
- Imagem Projetada – são aqueles esforços de uma nação para projetar e comunicar uma imagem desejada a outras nações;
- Imagem Desejada – uma ‘percepção visionária’ forma o ponto de referência para comunicar a imagem desejada pela nação mundo afora.

Kalamova e Konrad destacam que percepções, estereótipos e *nation branding* desempenham papéis importantes em decisões de investidores em relação a investimentos estrangeiros diretos. Os autores exemplificam que se o estereótipo dos trabalhadores de um determinado país é que eles são pontuais, confiáveis e honestos ou que a administração pública é colaboradora e eficiente, tal país pode ser mais suscetível a receber investimentos. Além disso, decisões de compras de consumidores podem ser afetadas pelos estereótipos que eles têm em relação ao país de origem de um produto.⁵³

Bauer comenta que imagens nacionais podem ser denotadas como sub-partes de um sistema de crenças, e, como o próprio sistema de crenças, elas são ‘modelos’ que demandam do observador o que de outra forma seria um montante inimaginável de informações.⁵⁴ Para Miller, Galanter e Pribram, o sistema de crenças, composto de imagens passadas, presentes e futuras, inclui todo o conhecimento acumulado e organizado que o ator tem sobre si e sobre o mundo.⁵⁵ Para McClelland, além de organizar

⁵³ KALAMOVA, Margarita M. & KONRAD, Kai A.. *Nation Brands and Foreign Direct Investment*. Organisation for Economic Cooperation and Development / Max Planck Institute for Intellectual Property. 2010.

⁵⁴ BAUER, Raymond A. *Problems of Perception and the Relations Between the United States and the Soviet Union*, *The Journal of Conflict Resolution*, 5, 1961, 223 – 229.

⁵⁵ MILLER, G. A.; GALANTER, E. & PRIBRAM, K. H. *Plans and the Structure of Behavior*. New York: Holt, 1960, p. 16.

percepções em um guia significativo para comportamentos, tal sistema tem a função de estabelecer objetivos e ordenar preferências, tendo grande conexão com o processo de tomada de decisões.⁵⁶ Para Bronfenbrenner, o papel que o sistema de crenças desempenha no processo de análise, seleção, filtragem, relacionamento, re-ordenamento, organização e relatório deriva da tendência que o indivíduo tem de assimilar novas percepções àquelas que lhe são familiares e de distorcer o que é observado de modo a minimizar o choque com expectativas prévias.⁵⁷

Rokeach afirma que o sistema de crenças e suas imagens componentes estão em contínua interação com novas informações, e que o impacto de tais informações depende do grau o qual tal estrutura de sistema de crenças está ‘aberta’ ou ‘fechada’. De acordo com o autor, tal relação se dá da seguinte forma:

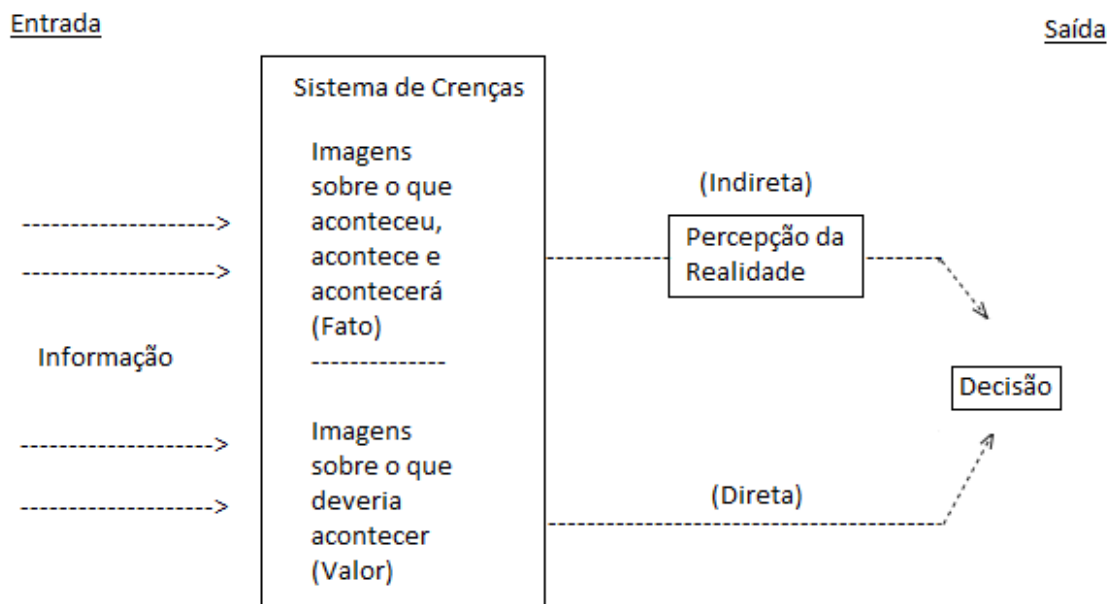


Imagem: A dupla relação entre o sistema de crenças e a tomada de decisão.⁵⁸

Holsti defende que não é muito frutífero assumir ligações diretas entre crenças e ações de políticas estrangeiras, uma vez que o papel que tais crenças assumem na formulação de políticas é provavelmente muito mais sutil e menos direto e, em vez de prover ações

⁵⁶ MCCLELLAND, Charles A.. *General Systems and the Social Sciences*. ETC: A Review of General Semantics, vol 18, no. 4, 1962, 449 – 468.

⁵⁷ BRONFENBRENNER, Urie. *The Mirror Image in Soviet-American Relations: A Social Psychologist's Report*. The Journal of Social Issues, 17, 1961, 45–56.

⁵⁸ ROKEACH, M. *The Open and Closed Mind*. Basic Books, Inc., New York, 1960, p. 50.

diretas para a ação, são umas dos muitos grupos de variáveis de intervenção que podem moldar e restringir a tomada de decisões. Segundo o autor, elas podem servir ao tomador de decisões como meios de orientá-lo no ambiente, como uma lente ou um prisma através do qual a informação é processada e dada um significado, como um esquema de diagnóstico, como artifício para lidar com restrições cognitivas à racionalidade e como fonte de diretrizes que podem guiar ou limitar – sem necessariamente determinar – opções de políticas.⁵⁹

Wright defende que o relacionamento das imagens nacionais com um conflito internacional é claro: os tomadores de decisão atuam sobre a sua definição da situação e as suas imagens dos Estados, que são, por sua vez, dependentes do sistema de crenças do tomador de decisão, podendo ou não serem representações precisas da "realidade". Assim, sugere que um conflito internacional é frequentemente não é entre os Estados, mas sim entre imagens distorcidas dos Estados.⁶⁰

1.2. A auto-imagem russa

Feklyunina afirma haver duas percepções vigentes na Rússia acerca de próprio Estado russo: os ocidentalistas e os eurasianistas. Segundo a autora, estes enxergam a Rússia como muito diferente do Ocidente e próxima à Ásia, divergindo entre si em relação ao expansionismo em relação à antiga fronteira soviética, enquanto que aqueles a consideram ocidental, especialmente europeia, advogam o caminho ocidental da política exterior russa como o mais importante e sustentam que a integração à Europa ajudará o país a resolver seus inúmeros problemas.⁶¹

⁵⁹ HOLSTI, O. R.. *Making American Foreign Policy*. Taylor & Francis Group, LLC, New York, 2006, p. 41.

⁶⁰ WRIGHT, Quincy. *Design for a Research Project on International Conflict and the Factors Causing Their Aggravation or Amelioration*. *Western Political Quarterly*, 10 (1957), p. 266.

⁶¹ FEKLYUNINA, V. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. *University of Glasgow*, 2009, p. 53.

A visão do governo russo sobre como incrementar o papel da Rússia no mundo é determinada por sua Estratégia Nacional de Segurança, seu Conceito de Política Exterior e sua Doutrina Militar, descritas por Persson como:⁶²

- Estratégia de Segurança Nacional – afirma que o papel da esfera cultural é fortalecer a imagem internacional da Rússia e desenvolver um ambiente humanitário e informacional comum nos territórios da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e regiões circunvizinhas;
- Conceito de Política Exterior – destaca que dentre os objetivos básicos da política exterior russa estão o de proteger os direitos e interesses legítimos dos cidadãos russos e compatriotas residindo no exterior, além de promover, em vários formatos internacionais, a abordagem russa em questões de direitos humanos, disseminar a idioma russo, consolidar a diáspora russa no exterior e fortalecer a posição do país no mundo;
- Doutrina Militar – estipula que é legítima a utilização das forças armadas para assegurar a proteção dos seus cidadãos localizados além das fronteiras da Federação Russa, de acordo com princípios gerais reconhecidos, normas de direito internacional e tratados internacionais.

Morozov ressalta que o discurso político russo contemporâneo tende a securitizar a identidade da sociedade russa, tornando-se um objeto referencial vis-a-vis o mundo exterior, levando inevitavelmente a uma posição defensiva por parte da elite russa.⁶³ Leonard e Popescu afirmam que a Rússia está se configurando como uma alternativa ideológica à União Europeia (UE), com uma abordagem diferente em relação à soberania, ao poder e à ordem mundial. Enquanto que o projeto europeu é fundado no estado de direito, Moscou acredita que leis são meras expressões de poder – e que quando o balanço de poder se altera, leis devem ser modificadas para melhor refleti-lo.⁶⁴

⁶² PERSSON, Gudrun. *Russian Influence and Soft Power in the Baltic States: the View from Moscow*. In: WINNERSTIG, Mike. *Tools of Destabilization: Russian Soft Power and Non-military Influence in the Baltic States*. Swedish Defence Research Agency, 2014, pp. 21 – 22.

⁶³ MOROZOV, Viatcheslav. *Russia in the Baltic Sea Region Desecuritization or Deregionalization?*. Cooperation and Conflict: Journal of the Nordic International Studies Association, 2008.

⁶⁴ LEONARD, Mark & POPESCU, Nicu. *A Power Audit of EU-Russia Relations*. European Council on Foreign Relations, 2007, p. 1.

I.III. A imagem russa na Europa

O problema negativo de imagem russa na Europa, segundo Feklyunina, emergiu com a agenda de política externa russa do primeiro mandato do governo de Vladimir Putin. Segundo a autora, essa visão desfavorável foi intensificada com a prisão do presidente da Yukos Oil, Mikhail Khodorkovsky, em 2003, percebido como um sinal de reversão de privatizações e punição de adversários políticos, além da guerra na Chechnya, de violações aos direitos humanos universais, do assassinato da jornalista Anna Politkovskaya e da morte de Alexander Litvinenko, ambos em 2006, bem como acusações constantes de distanciamento de princípios democráticos e a criação de um Estado autoritário.⁶⁵

Mändre defende que, após a anexação da Criméia, a Rússia passou a ser vista como agressiva, auto-interessada, não respeitadora das leis internacionais e presa à mentalidade da Guerra Fria de bloco contra bloco e à lógica das esferas de influência, pela qual se opõe à UE como rival. O autor advoga que o bloco foi criado como um projeto de paz e, portanto, o conflito nas fronteiras da União não é apenas uma ameaça à segurança, mas um desafio aos valores e idéias subjacentes à identidade europeia.⁶⁶

Embora a UE seja um poder muito maior que a Rússia em termos convencionais - sua população é três vezes e meia o tamanho da russa, seus gastos militares dez vezes maiores e sua economia 15 vezes superior - os europeus estão desperdiçando sua fonte mais poderosa de alavancagem: sua unidade. Contrariamente à percepção disseminada, as divisões entre eles são muito mais complexas do que aquela entre Estados membros novos e antigos, afirmam Leonard e Popescu. Os autores identificaram cinco abordagens políticas distintas para a Rússia compartilhadas por antigos e novos membros: *Cavalos de Tróia* (Chipre e Grécia) que muitas vezes defendem os interesses russos no sistema da UE e estão dispostos a vetar posições comuns da UE; *Parceiros Estratégicos* (França, Alemanha, Itália e Espanha) que gozam de uma "relação especial" com a Rússia que ocasionalmente mina as políticas comuns da UE; *Pragmatistas Amigáveis* (Áustria, Bélgica, Bulgária, Finlândia, Hungria, Luxemburgo, Malta, Portugal, Eslováquia e

⁶⁵ FEKLYUNINA, Valentina. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, pp. 38 - 42.

⁶⁶ MÄNDRE, Charis. *Europe in conflict – an analysis of European discourses in light of the Ukrainian crisis*. University of Tartu, European College, 2015, pp. 61 – 62.

Eslovênia) que mantêm uma estreita relação com a Rússia e tendem a colocar seus interesses comerciais acima dos objetivos políticos; *Pragmatistas Gelados* (República Checa, Dinamarca, Estônia, Irlanda, Letônia, Países Baixos, Romênia, Suécia e Reino Unido) que também se concentram em interesses comerciais, mas têm menos receio que outros para se manifestarem contra o comportamento russo em direitos humanos e outras questões; e *Novos Guerreiros Gelados* (Lituânia e Polônia) que têm uma relação abertamente hostil com Moscou e estão dispostos a usar o veto para bloquear as negociações da UE com a Rússia.⁶⁷

1.4. Imagem russa na Alemanha

Feklyunina alega que as autoridades russas enxergam a Alemanha como um dos seus aliados mais próximos em termos políticos, sendo percebida por outros países da EU como advogada dos interesses russos na comunidade, além de ser um dos seus maiores parceiros comerciais, especialmente na esfera energética. Para a autora, a característica mais distinta da imagem russa na Alemanha durante o governo de Vladimir Putin é a sua visibilidade – nos níveis político e das elites comerciais, bem como na opinião pública e nas mídias de massa – apesar de a grande maioria das publicações devotadas à Rússia no início dos anos 2000 ter sido negativa e constantemente com muita carga emocional. Além desses aspectos, a imagem russa foi afetada pela presença de uma crescente comunidade de falantes de língua russa na Alemanha.⁶⁸

Meister afirma que o antigo consenso entre a elite alemã de que a integração russa à Europa é elemento-chave para a segurança européia ainda existe, entretanto, que alemães carecem de ideias sobre como influenciar processos reformistas na Rússia. Segundo o autor, desde o desmembramento da União Soviética, a Alemanha tem desenvolvido uma política integracionista em relação à Rússia, não obstante, a elite alemã se sente frustrada com o retorno de Putin e o provável fim do projeto de modernização – opinião pública alemã em relação à Rússia é controversa, com tons evidentes tanto negativos quanto positivos no seu mix de percepções de ameaça, romantismo e anti-americanismo.

⁶⁷ Op. Cit., p. 2.

⁶⁸ FEKLYUNINA, V.. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, pp. 137 - 142.

Segundo Meister, o discurso alemão sobre a Rússia é frequentemente influenciado por dois grupos predominantes:⁶⁹

- O grupo dos direitos humanos, que tem se tornado mais influente sob a chanceler Angela Merkel, focado na situação democrática da Rússia;
- O grupo composto em sua maioria por membros do SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha), além de membros do CDU (União Democrata Cristã), que advoga uma abordagem cooperativa em relação à Rússia e foca em parceria econômica estratégica. Tal grupo adota frequentemente uma abordagem similar a organizações de *lobby* e têm sido bem sucedidos em influenciar a política alemã, destacando-se a atuação de organizações como o *Committee on Eastern European Economic Relations*.

Empresas alemãs são críticas em relação ao clima de investimento na Rússia, especialmente em relação à corrupção, à burocracia e à ausência de estado de direito. Pequenas e médias empresas são particularmente propensas a problemas relacionados a deficiências de estado de direito e ao acesso ao mercado russo, especialmente a carência de parceiros em um país marcado pela dominância de grandes companhias. A influência estatal russa sobre a economia é tida como uma barreira significativa para o aprofundamento de relações econômicas entre os dois países.⁷⁰

Sobre o recente conflito na Ucrânia, a maioria dos alemães põe a culpa do escalonamento da crise na Rússia (80%), considera apropriada a reação da União Europeia (70%) e pensa que a comunidade europeia deve responder à Rússia de modo vigoroso (62%). Quase metade deles tem a opinião de que sanções econômicas devem ser ampliadas, ainda que traga consequências negativas para a economia e empregabilidade na Alemanha, e mais da metade deles foram incapazes de compreender o porquê de a Rússia se sentir ameaçada.⁷¹

⁶⁹ MEISTER, Stefan. *An alienated partnership: German-Russian Relations after Putin's Return*. The Finnish Institute of International Affairs. FIIA Briefing Paper 105, 2012.

⁷⁰ A speech by the Chairman of the Eastern Committee, Eckhard Cordes. *Handelsblatt-Tagung*, 2012.

⁷¹ Poll conducted by Infratest in May 2014 for the German TV channel Das Erste, DeutschlandTREND. ARD, 2014.

1.5. A imagem russa na França

Gomart afirma que o ex-presidente francês Jacques Chirac via a Rússia como um parceiro estratégico, vital para a sua concepção de mundo multilateral, no qual não só decisões são compartilhadas, mas também o poder. Tal visão de mundo o levou a buscar maior aproximação com o presidente russo Vladimir Putin, apesar da inicial reação fria daquele quando este chegou ao poder. O autor defende a existência de seis interpretações da Rússia na França: três delas que convergem na crítica aberta ao regime de Vladimir Putin – os defensores dos Direitos Humanos que temem uma repressão doméstica; aqueles que temem o renascimento do imperialismo russo; e aqueles preocupados com a posição ambígua da Rússia em relação à proliferação e à venda de armas – predominantes na imprensa e comunidade acadêmica francesa, e três delas aplaudem a estabilização do país e são otimistas em relação a sua evolução de longo prazo – aqueles que têm em mente o balanço global de poder, que vêem a Rússia como um parceiro estratégico; aqueles que visam o crescimento da economia francesa, que enxergam o mercado emergente russo como uma excelente oportunidade; e aqueles que comparam o presidente russo ao Charles de Gaulle, ou seja, um grande estadista.⁷²

Alimi relata que a Rússia ainda é tida em baixa estima pelos franceses: quase dois terços deles (63%) têm uma imagem ruim do país, impulsionada principalmente pela opinião dos franceses em relação ao presidente russo, Vladimir Putin; 71% deles têm uma má opinião sobre o líder do Kremlin porque pensam que o líder russo desempenha um papel negativo na cena internacional, na Síria em particular; e a maioria deles (53%) acha que ele tentou influenciar as eleições presidenciais na França.⁷³ Pesquisas de opinião realizadas antes de 2013 já expressavam uma deterioração da imagem da Rússia na França.⁷⁴ Thomann defende que o Brexit terá consequências irreversíveis no balanço de poder dentro da EU, sendo provável que a doutrina gaullista francesa substitua o Reino Unido pela Rússia como fator de equilíbrio na Europa.⁷⁵

⁷² GOMART, Thomas. *France's Russia Policy: Balancing Interests and Values*. The Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology, 2007.

⁷³ ALIMI, Jannick. *Pour les Français, Vladimir Poutine plombe l'image de la Russie*. Le Parisien, 2017.

⁷⁴ DE TINGUY, Anne. *Ambivalence et distanciation. Perceptions de la Russie en France*. Russia in Global Affairs, vol. XI, 2013, p. 21.

⁷⁵ THOMANN, Pierre-Emmanuel. *The European project and Russia : the necessity to identify common geopolitical interests to overcome the current crisis*. Eurocontinent, 2017.

1.6. A imagem russa nos países bálticos e na Finlândia

Mockutė, ao analisar discursos recentes dos países bálticos, destaca as percepções principais acerca da Rússia, da União Europeia e dos Estados Unidos da América (EUA):⁷⁶

- A transição de ex-Repúblicas Soviéticas para membros da UE e da OTAN é frequentemente mencionada como uma grande realização;
- Os Países Bálticos demandam que a Rússia condene o pacto de Molotov-Ribeentrop e a ocupação do território, que os fez desaparecer do mapa político da Europa por 50 anos, bem como reconhecer crimes soviéticos como iguais aos dos nazistas;
- A história e a geografia os fazem ver a Rússia com mais cautela que a Europa Ocidental, pois tais países não só foram vítimas da interferência russa no período soviético como também durante o Império Russo;
- Os países em questão mencionam que se sentem política e economicamente pressionados pela Rússia, condenam a interferência política russa no espaço das ex-Repúblicas Soviéticas e ainda temem a dominação russa.

Forças pró-Kremlin na Letônia foram capazes de demandar um referendo em 18 de fevereiro de 2012 sobre o reconhecimento do russo como segunda língua oficial, o que faria do idioma uma das línguas oficiais da UE. Entretanto, 75% dos letões, incluindo os falantes de língua russa, votaram contra garantir à língua russa tal status.⁷⁷ Kojala & Zukauskas afirmam que 67% dos lituanos apoiam associação à União Europeia, enquanto que apenas 7% são contra, que 87% concordam que a Rússia se apresenta como uma

⁷⁶ MOCKUTĖ, Miglė. *The Images of the Baltic States in the International Media upon Accession to NATO and the EU*. Vilnius University, Institute of International Relations and Political Science, 2008, pp. 34 – 35.

⁷⁷ Le camp russophone écrasé par référendum en Lettonie. Libération, 2012.

ameaça direta de ocupação do país,⁷⁸ e, segundo pesquisa de 2014, 83% têm como positiva a associação à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).⁷⁹

Zepa destaca que a minoria étnica de língua russa da Letônia representa quase 30% da população, mas a maioria dos membros desta minoria não possui status de cidadão,⁸⁰ sendo proibidos de votar em eleições parlamentares e municipais, reportam Guasti e Niemann.⁸¹ Segundo eles, Putin enquadrou essas questões como fracassos da agenda dos direitos humanos dominada pelo Ocidente, definida por ele como altamente politizada, tendenciosa e instrumentalizada,⁸² e o medo nos países bálticos é que questões minoritárias sejam instrumentalizadas pela Rússia para justificar uma intervenção por razões humanitárias, relata Morozov.⁸³

Mäkinen defende que há três diferentes perspectivas através das quais os finlandeses enxergam a Rússia: a da ameaça, a das possibilidades e a do 'outro'. Russos enquanto indivíduos, especialmente russos imigrantes na Finlândia são frequentemente vistos no quadro das possibilidades.⁸⁴ Pezard, Radin, Szayna, e Larrabee afirmam que a Rússia é a prioridade de segurança número 1 para a Finlândia por questões históricas, como a incorporação do país ao Império Russo durante o século XIX, a invasão soviética ao país e tentativa de anexação em 1939–1940, a renovação das hostilidades soviético-

⁷⁸ KOJALA, Linas & ZUKAUSKAS, Aivaras. *Russia's Soft Power in Lithuania: The Impact of Conflict in Ukraine*. In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, pp. 187 – 188.

⁷⁹ Poll shows overwhelming support for permanent NATO presence in Lithuania. Lietuvos Nacionalinis Radijas ir Televizija, 2014.

⁸⁰ ZEPA, B. *Citizenship, official language, bilingual education in Latvia: Public policy in the last 10 years*. GIORDANO Chr., ŽVINKLIENE A., HENSELER D. (eds.) *Baltic States. Looking at Small Societies in Europe's Margin*. Fribourg: University Press, Fribourg. 2003. p. 83–98.

⁸¹ GUASTI, P. & NIEMANN, A. *Lost in Translation: Human and Minority Rights Discourses of the European Union And Russia*. Вестник СПбГУ. Вып. 1, 2015.

⁸² Idem.

⁸³ MOROZOV, V. *Resisting Entropy, Discarding Human Rights: Romantic Realism and Securitization of Identity in Russia*. Cooperation and Conflict. Vol. 37(4). 2002, pp. 425–426.

⁸⁴ MÄKINEN, Sirke. *European Perceptions of Russia's Image and Identity*. Europe and the European Union: Development of Identities, University of Tampere, Finland, 2013.

finlandesas de 1941 a 1944 e os constrangimentos à soberania finlandesa impostos por Moscou durante a Guerra Fria.⁸⁵

1.7. A imagem russa no Reino Unido

O Reino Unido se apresenta como um caso particularmente interessante, na visão de Feklyunina, pois é membro do G8, do Conselho de Segurança das Nações Unidas – permanente e com direito a veto –, influencia o rumo da União Europeia, é considerado uma possível ponte entre a Rússia e os EUA e é um dos maiores investidores estrangeiros na economia russa.⁸⁶ Monaghan destaca que Londres considera a Rússia como importante para o Reino Unido por ser o maior vizinho da EU e seu maior fornecedor de energia, potência nuclear e um ator-chave para questões de proliferação, obscurecido por problemas sociais e infra-estruturas jurídicas e mercadológicas subdesenvolvidas. Segundo o autor, o Reino Unido geralmente transmite as suas preocupações sobre o estado democrático e de direito e do sistema judicial na Rússia, bem como a falta de respeito por parte de Moscou pelos direitos humanos e liberdades fundamentais,⁸⁷ entretanto, Londres sustenta uma agenda pós Guerra Fria que já não vê a Rússia como o principal foco internacional.⁸⁸

As ações da Rússia na Ucrânia e na Síria constituem os dois mais urgentes desafios de política externa para o relacionamento Reino Unido - Rússia, entretanto, apesar das dificuldades políticas, os indivíduos britânicos e russos têm relações culturais saudáveis.⁸⁹ De acordo com o estudo recente da Pew Research Center, 76% dos britânicos não têm confiança em Vladimir Putin, 59% deles vêm à Rússia de modo desfavorável e 73% deles

⁸⁵ PEZARD, Stephanie; RADIN, Andrew; SZAYNA, Thomas S. & LARRABEE, F. Stephen. *European Relations with Russia: Threat Perceptions, Responses, and Strategies in the Wake of the Ukrainian Crisis*. RAND Corporation, Santa Monica, 2017, p. 6.

⁸⁶ FEKLYUNINA, V.. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, p. 113.

⁸⁷ MONAGHAN, Andrew. *From Plans to Substance: EU-Russia Relations During the British Presidency*. Institut Français des Relations Internationales, 2005, pp. 4-6.

⁸⁸ _____. *The UK and Russia—Towards A Renewed Relationship?* Russian Analytical Digest No. 130, 1 July 2013.

⁸⁹ *The United Kingdom's relations with Russia*. HC, Foreign Affairs Committee, 2017, p. 3.

demonstram preocupação com o desrespeito às liberdades individuais por parte de Moscou.⁹⁰

1.8. A imagem russa na Ucrânia

Onuch afirma que ucranianos têm percepções bastante negativas acerca do Estado, militares e líderes políticos russos, entretanto, que a maioria deles não relata visões negativas acerca de cidadãos ordinários da Rússia e acredita que estão sob influência de mídias ‘não-livres’ e nacionalistas. Em relação à presença russa na Ucrânia Ocidental, ucranianos veem no conflito uma intervenção direta de um Estado estrangeiro – a Rússia⁹¹ e reclamam que ela nunca aceitou plenamente a sua existência enquanto nação soberana.⁹² Em 2008, Putin teria afirmado pessoalmente ao então presidente George W. Bush, na cúpula da OTAN em Bucareste, que a Ucrânia “não é nem um Estado”.⁹³

Tem havido uma tendência através da qual uma proporção crescente de ucranianos acreditam que a EU – em oposição à Rússia – deveria ser a prioridade da política exterior do país. Em 2014, 57,3% dos ucranianos acreditavam que o país deveria focar em relações com aquela em vez desta (16,3%).⁹⁴ Para Polyakov, apesar da pressão russa, a concepção europeia de *soft power*, enquanto poder de união voluntária de nações livres e prósperas, pareceu mais favorável aos ucranianos que a concepção autoritária russa. Tais percepções, por sua vez, moldaram radicalmente preferências em favor da UE após a agressão russa ao território ucraniano, em 2014.⁹⁵

⁹⁰ VICE, Margaret. *Publics Worldwide Unfavorable Toward Putin, Russia*. Pew Research Center, 2017.

⁹¹ ONUCH, Olga. *Brothers Grimm or Brothers Karamazov: The Myth and the Reality of How Russians and Ukrainians View the Other*. In: *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, pp. 37 - 39.

⁹² RUTLAND, Peter. *An Unnecessary War: The Geopolitical Roots of the Ukraine Crisis*. In: *and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, pp 130 - 131.

⁹³ BOHM, M. *Ukraine is Putin's favorite vassal*. Moscow Times, 2013.

⁹⁴ Razumkov Sociological Poll. Razumkov Centre, 2014.

⁹⁵ POLYAKOV, Leonid. *Ukraine: Bread with, or without, Freedom?* In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, p. 139.

1.9. A imagem projetada pela Rússia

Feklyunima relata que as análises de imagens na Rússia seguem o paradigma realista e enxergam imagens de uma perspectiva geopolítica, tendo forte caráter interdisciplinar, com a atuação de psicólogos, sociólogos, geógrafos, etc. Tais estudos não têm foco teórico, mas aplicado, focados em técnicas de manipulação ou “tecnologias políticas” que possam ser utilizadas na projeção de uma imagem favorável.⁹⁶

Um conceito difuso de "compatriotas", definidos de forma variável como todos aqueles que nasceram na União Soviética e seus descendentes ou aqueles com vínculos culturais com a Rússia, foi cada vez mais usado não só para gerenciar a migração, mas também para orientar a política externa russa, afirma Feklyunina. Segundo a autora, a ambição de Putin para revigorar os processos de integração respaldados pela Rússia tornou-se particularmente evidente em sua visão de uma proposta União Eurasiana, cujo sucesso é tido como crucial para a competitividade global da Rússia.⁹⁷

A narrativa do "mundo russo" construiu uma relação hierárquica entre a Rússia e outros membros da comunidade eurásiana, entretanto, esse elemento da identidade projetada foi especialmente inconsistente, revelando uma tensão notável entre a visão do "mundo russo" como um espaço civilizacional multi-nacional com a Rússia como apenas uma de suas partes constituintes e uma visão de um "mundo russo" centrado na Rússia, relata Feklyunina. Segundo a autora, a identidade coletiva projetada legitimou um padrão particular de relação estado-sociedade, enfatizando a distinção do "mundo russo" em relação ao Ocidente, tendo sido o "mundo russo" construído como uma "civilização única" - baseada nos ideais de “liberdade, fé, espiritualidade, bondade e consciência”, e embora compartilhando com a Europa suas raízes cristãs, o "mundo russo" foi imaginado como distinto - e superior - na forma como manteve os valores cristãos que foram vistos como perdidos em outros lugares.⁹⁸

⁹⁶ FEKLYUNINA, V. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, p. 55.

⁹⁷ FEKLYUNINA, V. *Soft Power and Identity: Russia, Ukraine and the 'Russian World(s)'*. *European Journal of International Relations* 2016, 22 (4), pp. 773-796.

⁹⁸ *Idem*.

1.10. A imagem desejada pela Rússia

Lukyanov, editor-chefe do jornal *Russia in Global Affairs*, caracteriza o *soft power* russo como demasiado brando e identifica três objetivos na área de política externa:⁹⁹

- Promoção da cultura, língua e sistema de educação russos como atrativos e competitivos;
- Contenção da descrição negativa, por parte da mídia estrangeira, das políticas russa e do *Russian way of life*;
- Criação de um grupo de amigos da Rússia pelo mundo.

A primeira e mais importante missão da Rússia após estabelecer um canal de comunicação viável é transformar a própria imagem na mentalidade dos vizinhos. Nesse aspecto, Korejba destaca o momento “vara e cenoura” da abordagem russa, no qual há uma versão pacífica e amistosa da Rússia para aqueles que têm uma visão positiva *a priori* e outra para inimigos em potencial:¹⁰⁰

- Aos possíveis amigos, a Rússia tende a se apresentar como uma versão aperfeiçoada do ‘*American dream*’ e do ‘*European dream*’, ambas se demonstrando muito menos atrativas que o esperado. Contudo, as vantagens são proporcionais à proximidade, privilegiando aqueles tidos como amigos ou aliados como os membros do *Collective Security Treaty Organization*, equivalente russo à OTAN e da *Eurasian Economic Union*, equivalente russo à União Europeia, podendo esperar mais indulgências durante negociações que aqueles tidos como ‘amigos pragmáticos’ ou ‘neutros construtivos’.
- Por outro lado, aqueles que demonstram não aceitar a forma e o conteúdo da política exterior russa ou, ainda pior, permitem-se comentar acerca de assuntos internos russos, são imediatamente apresentados como atores irresponsáveis do cenário internacional. Estes são apresentados ao lado duro da Rússia, que busca

⁹⁹ LUKYANOV, F. *Why Russia's Soft Power is Too Soft*. Global Affairs, 2013.

¹⁰⁰ KOREJBA, Jakub. *Will Russia Ever Be Soft?*. In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, p. 108.

puni-los por seu comportamento, desde Estados, Organizações Internacionais, ONGs ou indivíduos, como estadistas, ativistas ou artistas.

Simons defende que Putin tem enfatizado a necessidade da utilização da “herança cultural e espiritual” e de realizações materiais como meios para auxiliar a moldar a marca russa,¹⁰¹ e, para Torbakov, o presidente russo almeja a aceitação por parte da UE e dos EUA da esfera de influência russa sobre Estados pós-soviéticos.¹⁰²

Simons enxerga a Rússia como, de certa forma, fechada entre imagens passadas e presentes, devendo moldar as marcas negativas do passado soviético – que têm se provado imagens, associações e estereótipos bem persistentes – antes que qualquer progresso tangível na reabilitação da marca russa seja alcançado.¹⁰³ Entretanto, Simons pontua que desde meados dos anos 2000 Rússia entrou para a lista de nações que visam utilizar *nation branding* para suprir ambições nacionais politicamente determinadas e direcionadas.¹⁰⁴

¹⁰¹ SIMONS, Greg. *Nation Branding and Russian Foreign Policy*. The Swedish Institute for International Affairs, no. 21, 2013.

¹⁰² TORBAKOV, Igor. *Understanding Moscow's conduct: The analysis of the domestic politics-foreign policy nexus in Russia*. In: MEISTER, Stefan. *Economization versus power ambitions: Rethinking Russia's policy towards post-Soviet states*. Nomos, Baden-Baden, 2013, p. 29.

¹⁰³ Op. Cit.

¹⁰⁴ _____. *Attempting to Rebrand the Branded: Russia's International Image in the 21st Century*. *Russian Journal of Communication* 4, 2011.

2. Concepção russa de *soft power*

Nye define *soft power* como a habilidade de se obter o que se deseja através da atração em vez de coerção ou de pagamentos, surgindo com a atratividade da cultura, ideais políticos e políticas de um país, logo, quando tais políticas são vistas como legítimas por terceiros, o *soft power* é realçado.¹⁰⁵ Marcel Van Herpen observa que tal conceito era tido na Rússia como algo meramente americano até as revoluções coloridas: a Revolução Rosa, na Geórgia, em 2003 e a Revolução Laranja, na Ucrânia, em 2004. A partir desse ponto, segundo van Herpen, o Kremlin se deu conta de que o *soft power*, em um mundo interconectado caracterizado pelo crescente papel da Internet e das redes sociais, poderia ser utilizado como uma arma efetiva.¹⁰⁶

O conceito de *soft power* sofreu uma tripla redução nos moldes utilizados pela Rússia contemporânea, afirma van Herpen. Primeiramente, o Kremlin adotou apenas uma das partes constituintes do conceito original: a diplomacia pública. A segunda redução foi transformar o conceito em um jogo de soma zero, com perdedores e vencedores, diferentemente do conceito do Nye. Por último, foram acrescentadas práticas de atividades ilegais, como suborno e espionagem, como elementos de *soft power*.¹⁰⁷

O *soft power* russo, apesar das diferenças supracitadas, apresenta um caráter mimético em relação ao Ocidente, segundo van Herpen, ao passo que as lideranças russas tentam copiar estratégias e instituições ocidentais que julgam mais efetivas, como a *United States Agency for International Development* (USAID), o *Goethe Institut*, a *Alliance Française* e o *British Council*, e, auxiliados pelos imensos ganhos oriundos do petróleo, investiram bilhões de dólares em sua ofensiva de *soft power*, tendo em vista a promoção da língua, cultura e interesse nacional russo no exterior.¹⁰⁸ Moscow percebe o *soft power* como a capacidade de influenciar, ou até manipular, a opinião pública de países-alvo, relata Ćwiek-Karpowicz.¹⁰⁹

¹⁰⁵ NYE, Joseph S., Jr. *Bound to lead: the changing nature of American power*. Basic Books, New York, 1990, pp. 153-171.

¹⁰⁶ HERPEN, Marcel van. *Putin's propaganda machine: soft power and Russian foreign policy*. Rowman & Littlefield, London, 2016, pp. 19 – 30.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ ĆWIEK-KARPOWICZ, Jarosław. *Limits to Russian Soft Power in the Post-Soviet Area*. Deutsche Gesellschaft für Auswärtige Politik, no. 8, 2012.

A atual estratégia de *soft power* da Rússia consiste em melhorar a sua própria imagem em todo o mundo, ao mesmo tempo que denigra o modelo de valores projetado pelos Estados Unidos. A Rússia, no entanto, parece estar medindo seu sucesso de *soft power* na medida em que conseguiu minar o *soft power* dos Estados Unidos e sua ênfase na democracia e nos direitos dos indivíduos, afirma Dougherty.¹¹⁰

Blitt afirma que a *Russkiy Mir Foundation*, estabelecida em 2007, com fins oficiais de promoção da língua e cultura russa no exterior, é uma divisão estrutural do Serviço de Inteligência Estrangeira russo e aliada à IOR na promoção da herança espiritual ortodoxa russa.¹¹¹ Laruelle escreve que o conceito de *russkiy mir*, traduzido como mundo russo, é uma imaginação geopolítica e um impreciso atlas mental, no qual diferentes regiões do mundo e as suas diferentes ligações com a Rússia podem ser articuladas de uma maneira fluida, permitindo a sua reinterpretação em múltiplos contextos. Em última instância, serve como instrumento para a Rússia vender a sua imagem no cenário internacional, falando para diferentes audiências e assumindo nuances específicas de modo a serem operacionalizadas de acordo com o contexto.¹¹²

Em 2008, foi estabelecido o *Institute for Democracy and Cooperation*, em New York e Paris, e a *Rosstrudnichestvo (Russian Cooperation Agency)*, substituindo o *Roszarubezhtsentr (Russian Foreign Center)* que datava de 1925, herdando escritórios em 65 países e centros russos de cultura e ciências em 39 e tendo o seu financiamento ampliado. Tais ações visam ampliar a influência geopolítica russa, influenciar minorias russas em países do antigo espaço soviético a agir de acordo com interesses nacionais russos e induzir a opinião pública no Ocidente de modo favorável à Rússia, segundo van Herpen.¹¹³ O *Gorchakov Fund* é uma organização não-governamental estabelecida por decreto presidencial em 2011, elaborada pelo Ministério de Relações Exteriores russo e a sua abordagem ao *soft power* é centrada no papel de ONGs como método principal de projeção russa, afirma Dougherty.¹¹⁴

¹¹⁰ DOUGHERTY, Jill. *Russia's "Soft Power" Strategy*. Georgetown University, 2013.

¹¹¹ BLITT, Robert C.. *Russia's "Orthodox" Foreign Policy: The Growing Influence of the Russian Orthodox Church in Shaping Russia's Policies Abroad*. University of Pennsylvania, *Journal of International Law* 33, no. 2, 2011, pp. 389 – 390.

¹¹² LARUELLE, Marlene. *The "Russian World" Russia's Soft Power and Geopolitical Imagination*. Center on Global Interests, 2015.

¹¹³ Op. Cit., pp. 33 – 44.

¹¹⁴ DOUGHERTY, Jill. *Russia's "Soft Power" Strategy*. Georgetown University, 2013.

Dougherty afirma que o conceito de *Russia Beyond the Headlines* (RBTH) foi desenvolvido em 2006 pelo *staff* do *Rossiskaya Gazeta*, um jornal diário do governo russo que publica todos os documentos oficiais do governo. RBTH é um suplemento mensal publicado pelos principais jornais pelo mundo, dentre eles *The Washington Post*, *The U.K.'s Daily Telegraph*, *Le Figaro*, *Ze Deutche Zeitung*, *La Republicca*, *Mainichi Shimbun* e *The Wall Street Journal*, na forma do jornal no qual aparece, pago pela *Rossiskaya Gazeta*.¹¹⁵

Pomerantsev & Weiss enquadraram as questões supracitadas da seguinte forma:¹¹⁶

Objetivos do Kremlin	Ações do Kremlin
Desestruturar comunicações	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição de mídia ocidental; - Ataques de negação de serviço (DDoS); - Paralisar o jornalismo com ameaças de processo por calúnia e difamação.
Desmoralizar o adversário	<ul style="list-style-type: none"> - Confundir o Ocidente com mensagens mistas (duplo sentido); - Sedução de especialistas através de fóruns de alto nível; - Campanhas de desinformação.
Desestabilizar estruturas de comando	<ul style="list-style-type: none"> - Dividir o Ocidente através de estratégias de ‘dividir para conquistar’; - Compra de influência política.

Madeira defende que enquanto os soviéticos contavam primeiramente com o comprometimento ideológico de comunistas, socialistas e pacifistas ocidentais, o Kremlin atualmente se vale do auto-interesse dos seus equivalentes contemporâneos: lobistas, advogados corporativos, banqueiros e até mesmo políticos.¹¹⁷ Galeotti relata que o Chefe de Estado-Maior Valerii Gerasimov observou que o papel dos meios não-militares para alcançar objetivos políticos e estratégicos cresceu e, em muitos casos, ultrapassou o poder

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ POMERANTSEV, P. & WEISS, M. *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money*, The Interpreter, 2014.

¹¹⁷ MADEIRA, Victor. *Russian Subversion - Haven't we been here before?*. The Institute for Statecraft, 2014.

das armas em a sua eficácia, reconhecendo, portanto, que todos os conflitos são realmente meios para fins políticos e que a Rússia deve cada vez mais procurar instrumentos não militares.¹¹⁸

Karaganov afirma que a Rússia deve lutar por posições no mercado de ideias e imagens, uma vez que está desempenhando um papel muito maior hoje que em alguma parte do passado, tendo como alternativa inevitável a perda de competição internacional.¹¹⁹ Le Bon ressalta, entretanto, que as massas pensam em imagens, que chamam uma série de outras imagens, não tendo nenhuma conexão lógica com a primeira. Para o autor, as pessoas dificilmente distinguem entre o subjetivo e o objetivo, aceitando como reais as imagens invocadas em suas mentes, embora na maioria das vezes tenham apenas uma relação muito distante com os fatos observados e, sendo apenas capazes de pensar através de imagens, impressionam-se apenas com estas.¹²⁰

2.1. O papel das empresas de Relações Públicas ocidentais e de fóruns internacionais

Hammes afirma que o *lobby* não só não é uma atividade neutra, como é parte integral da “guerra de quarta geração”. Segundo o autor, Parlamentos e Congressos de países democráticos são alvos naturais de governos não-democráticos e que grupos não-governamentais como igrejas, grupos comerciais e empresas de relações públicas podem ser grandes atores no que concerne à moldagem de políticas nacionais.¹²¹

Fukuyama relata que grupos de interesse são capazes de influenciar legalmente a política simplesmente ao fazer doações e esperar por favores não especificados em retorno. Acrescenta que às vezes o próprio legislador é quem inicia a troca de benefícios, favorecendo os interesses de determinado grupo na expectativa de obter alguma vantagem após o término do mandato.¹²²

¹¹⁸ GALEOTTI, Mark. ‘Hybrid War’ and ‘Little Green Men’: How It Works, and How It Doesn’t. In: *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, p. 157.

¹¹⁹ KARAGANOV, Sergei. *Russia in the World of Ideas and Images*. Russia in Global Affairs, 2012.

¹²⁰ LE BON, Gustave. *The Crowd: A Study of the Popular Mind*. Kitchener, 2001, pp. 23 – 24, p. 40.

¹²¹ HAMMES, Colonel Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 1st Century*. MN: Zenith Press, St. Paul, 2004, p 213.

¹²² FUKUYAMA, Francis. *America in Decay – The Sources of Political Dysfunction*. Foreign Affairs 93, no.5, 2014.

Empresas de relações públicas são bastante interessantes não apenas pelo conhecimento necessário, mas, principalmente, porque normalmente empregam ex-políticos, ex-embaixadores e outros ex-oficiais bem posicionados, com acesso pessoal a círculos governamentais, relata van Herpen. Além de contratar empresas de relações públicas para influenciar a opinião pública ocidental, o Kremlin tem apostado, de acordo com o autor, na organização de fóruns internacionais, em especial o Valdai Discussion Club, estabelecido em 2004. No fórum em questão, são convidados ocidentais “especialistas em Rússia”, os quais são apresentados as suas contrapartes russas e organizam um diálogo sobre a liderança da Rússia, servindo a três objetivos: criação de *goodwill* em círculos intelectuais ocidentais, criação de oportunidades para que a elite russa estabeleça *network* com formadores de opinião do Ocidente e a criação de um campo de testes para as iniciativas de política estrangeira do Kremlin. Van Herpen ressalta que o interesse nesses seminários consiste não tanto em alterações nas políticas do Kremlin, mas em influenciar a opinião ocidental e em obter uma imagem precisa e detalhada sobre a opinião predominante nas elites do Ocidente, de modo a aperfeiçoar e alinhar argumentos para vender iniciativas diplomáticas no mercado político ocidental.¹²³

Foxall sugere que ao participarem de tais encontros e publicarem as suas impressões em mídias ocidentais, intelectuais ocidentais legitimam as ideias do Kremlin e as transmitem às audiências ocidentais. O autor acrescenta que, frequentemente, tais impressões contêm pouca avaliação crítica, servindo para reafirmar justificativas para o autoritarismo e ambições geopolíticas de Moscou.¹²⁴

2.2. A ofensiva de propaganda

Com o fim da União Soviética, a Rússia deixou de ser um pária para o Ocidente e adquiriu acesso a mercados, crédito, tecnologia e empresas de relações públicas ocidentais, o que permitiu ao Kremlin, segundo van Herpen:¹²⁵

- Disseminar a propaganda estatal russa diretamente ao exterior via canais de notícia em língua estrangeira, utilizando-se da televisão e da Internet;

¹²³ Op. Cit., pp. 47 – 62.

¹²⁴ FOXALL, Andrew . *The Kremlin's Sleight of Hand: Russia's Soft Power Offensive in the UK*. Russia Studies Centre Policy Paper No. 3, 2015.

¹²⁵ Op. Cit., pp. 67 – 77.

- Disseminar a propaganda estatal russa indiretamente via mídia ocidental;
- Assumir o controle de jornais ocidentais;
- Assumir o controle de novas redes sociais e estabelecer *websites* favoráveis ao Kremlin;
- Estabelecer presença ativa em blogs e fóruns de discussão;
- Financiar políticos e/ou partidos no Ocidente;
- Reativar círculos de espionagem com o objetivo de penetrar círculos políticos de influência;
- Ativar a IOR como instrumento de *soft power*.

O portal *Russia Today* (RT), lançado em 2005, faz transmissão 24 horas em língua inglesa, além de oferecer programas em árabe e em espanhol, e surgiu com o intento de ser um competidor global da *Al Jazeera*, *CNN* e *BBC World*. Inicialmente, afirma van Herpen, atuou na defensiva na tentativa de melhorar a imagem russa no exterior, entretanto, em 2009, começou a relatar os aspectos negativos do Ocidente, principalmente dos EUA, como a crescente desigualdade, o fardo dos moradores de rua, desemprego em massa, violações de direitos humanos e efeitos da crise bancária.¹²⁶

Hall, Hobson, Lowe e Willis defendem que meios televisivos fazem o papel de atrair a atenção pública para e moldar o entendimento de situações políticas que decide cobrir, tendo o poder de:¹²⁷

- Definir quais questões entrarão nas esferas de preocupação e discussão pública;
- Determinar os termos através dos quais tais assuntos serão discutidos;
- Estabelecer quem irá falar sobre os tópicos pré-selecionados;
- Gerenciar e controlar os debates e discussões subsequentes.

Em razão do fato de que a mídia é frequentemente a principal fonte de informação de algumas audiências e o seu discurso tem o potencial de alterar crenças e concepções, Jorge advoga a necessidade de um pensamento crítico em relação a sua descrição de eventos e seus atores. O autor ressalta que a capacidade da mídia de rapidamente fazer um discurso sobre um acontecimento em particular e alcançar um grande número de

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A. & WILLIS, P. *Culture, Media, Language*. Taylor & Francis, 2005, p. 130.

peças é, em si, uma ferramenta hábil para mudanças sociais.¹²⁸ Lakoff afirma que a menos que você se enquadre, outros irão enquadrá-lo - a mídia, seus inimigos, seus concorrentes e até mesmo os seus amigos bem-intencionados.¹²⁹

Feklyunina ressalta que em um contexto de orçamento limitado (comparado aos generosos gastos com propaganda pela URSS e pelos EUA) Moscou decidiu direcionar as campanhas de propaganda de modo mais acurado, focando em regiões prioritárias como os países do G8, China, Índia, Oriente Médio e, posteriormente, a CEI. A ênfase foi alterada da opinião pública para as elites-alvo – políticos, homens de negócios, jornalistas, especialistas e comunidade acadêmica – tido como um melhor custo-benefício, uma vez que pesquisas realizadas no Ocidente no início dos anos 2000 indicaram estereótipos negativos profundamente enraizados acerca da Rússia.¹³⁰

Na primeira década do século XXI, oligarcas russos, que atuam em caráter quase estatal devido à relação que mantém com o Kremlin, começaram a adquirir participação em portais de notícias no Ocidente, afirma Gérard Roland.¹³¹ John Lloyd escreve que a posse de um jornal difere de outros tipos de posse, uma vez que garante poder sobre a mente dos homens, não tanto para dizê-los o que pensar, mas sobre o que pensar.¹³² Para Chomsky, a propaganda é para a democracia o que o cassete é para o Estado totalitário.¹³³ Westen destaca que em política, quando a razão e a emoção colidem, esta invariavelmente ganha.¹³⁴

Há mais de dois mil anos escreveu Tucídides que pessoas ordinárias não se preocupam o suficiente com a investigação da verdade, aceitando prontamente a primeira história que lhes vem à mão, não sendo perturbadas nem por um poeta exibindo o exagero de seu ofício, nem pelas composições dos cronistas atraentes à custa da verdade, pois os assuntos

¹²⁸ JORGE, Tomé Filipe Gaspar. *Media's symbolic power: RT and The Guardian' discursive construction of the EuroMaidan protests and Crimean annexation*. Aalborg Universitet, 2014, p. 8.

¹²⁹ LAKOFF, George. *How to Frame Yourself: A Framing Memo for Occupy Wall Street*. George Lakoff, 2011.

¹³⁰ Op. Cit., pp. 69-70.

¹³¹ GORODNICHENKO, Y., G. Roland and Walker, Edward W.. *Is Putin out to destroy the EU?* Berkeley Blog, UC Berkeley, 2014.

¹³² LLOYD, John. *Why nobody lords it over the press barons*. The Guardian, 2009.

¹³³ CHOMSKY, Noam. *On Propaganda*. WBAI, 1992.

¹³⁴ WESTEN, Drew. *Political Brain: The Role of Emotion in Deciding the Fate of the Nation*. Public Affairs, New York, 2008, p. 35.

que eles tratam estão fora do alcance da evidência (pode-se fazer uma analogia à situação da relação da imprensa contemporânea com os seus interlocutores ordinários).¹³⁵ Maquiavel defendeu que embora a fraude fosse condenável na vida cotidiana, durante a guerra ela era louvável e gloriosa. Para o autor, quem vence os inimigos usando a fraude não merece menos elogios do que quem triunfa pela força das armas.¹³⁶ Para Waltz, a guerra começa na mente dos homens¹³⁷ e para Clausewitz, a guerra é uma simples continuação da política por outros mecanismos, sendo esta o fim e aquela o meio.¹³⁸ Li Chang-Chun, oficial chinês, afirma que a capacidade de comunicação determina influência, logo, a nação que tiver a maior capacidade em tal setor será aquela cuja cultura e valores centrais serão mais disseminados e, desse modo, terão maior poder para influenciar o mundo.¹³⁹ Segundo Nye, na contemporaneidade, a vitória depende da atração de populações estrangeiras ao nosso lado.¹⁴⁰

2.3. O financiamento de políticos e partidos políticos

Bradley afirma que sob o governo de Vladimir Putin a Rússia tem trabalhado para empoderar a extrema direita europeia e os partidos eurocéticos com ofertas de cooperação, empréstimos, auxílio político e propaganda, tendo como resposta a glorificação pela Rússia, sua política externa e seu líder forte. Da perspectiva russa, fortalecer populistas anti União Europeia tem o óbvio benefício de auxiliar a erodir a força das instituições europeias, conforme interesse de Moscou, ressalta o autor.¹⁴¹

O Kremlin descobriu que o sistema político ocidental é fraco, permeável e suscetível a dinheiro estrangeiro, e tem apostado na ideia de que políticos europeus, assim como os

¹³⁵ THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. P. 20.

¹³⁶ MACHIAVELLI, Niccolò. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 417.

¹³⁷ WALTZ, K. N. *Man, The State and War: A Theoretical Analysis*. New York; Columbia Univ. Press, 2001, p.63.

¹³⁸ CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 3 ed, 2010, p. 27.

¹³⁹ HALPER, Stefan. *The Beijing Consensus: Legitimizing Authoritarianism in our Time*. Chapter 1, China and the global shift: beating the west at its own game. Basic Books, New York, 2012.

¹⁴⁰ NYE, Joseph S., Jr. & ARMITAGE, Richard L.. *Smart Power and the U.S. Strategy for Security in a Post-9/11 World*. CSIS Commission on Smart Power, Washington, 2007.

¹⁴¹ BRADLEY, Matt. *Europe's Far-Right Enjoys Backing from Russia's Putin*. NBC News, 2017.

russos, podem ser comprados se o dinheiro for apropriado, afirma Harding.¹⁴² De acordo com vazamentos de cabos diplomáticos americanos, em 2010, Silvio Berlusconi foi pessoalmente bastante beneficiado com os acordos energéticos com a Rússia¹⁴³ e o ex-chanceler alemão Gerhard Schröder, pouco antes de terminar o mandato, assinou com a Rússia um acordo para a construção do Nord Stream, um gasoduto que liga a Rússia à Alemanha via mar Báltico. Apenas dois meses depois, Schröder foi apontado presidente do consórcio construtor do duto, que tem como maior acionista a estatal russa Gazprom.¹⁴⁴

Artigo publicado no Conselho Europeu de Relações Exteriores afirma que o caso mais notório de partido europeu a receber financiamento russo é o do Front National, que, segundo tal publicação, está alinhado com a Rússia em uma série de questões, dentre elas o reconhecimento da anexação da Crimeia. O partido em questão recebeu um empréstimo de €9.46 milhões do First Czech Russian National Bank, instituição financeira com ligações com o Kremlin, reconhecido publicamente pela Marine Le Pen, equivalente ao seu orçamento total para 2013.¹⁴⁵ Le pen repete constantemente frases que refletem plenamente visões das lideranças russas em relação à proteção de valores, protesta contra a União Europeia, a zona do euro e a OTAN, afirma que nazistas chegaram ao poder em Kiev, declara que a França é subordinada aos EUA, etc, deixando nítido o seu objetivo: destruir a EU na sua forma convencional, que pode ser alcançada se a França se retirar do bloco, afirma van Herpen.¹⁴⁶

2.4. O papel da Igreja Ortodoxa Russa

Desde o desmembramento da União Soviética, a IOR tem adquirido o status de igreja *quasi-official*, e relações entre a hierarquia e a liderança política têm se intensificado mais do que nos tempos do Tsar. Putin se deu conta do papel que a IOR pode desempenhar na reconstrução do império perdido, substituindo o apelo da ideologia do comunismo no

¹⁴² HARDING, Luke. *We should beware Russia's links with Europe's right*. The Guardian, 2014.

¹⁴³ SQUIRES, Nick. *WikiLeaks: Silvio Berlusconi 'profited handsomely from Vladimir Putin relationship'*. The Telegraph, December 2nd, 2010

¹⁴⁴ KUNDNANI, Hans. *Germany Is Rekindling Its Bromance With Russia*. Foreign Policy, 2016.

¹⁴⁵ WESSLAU, Fredrik. *Putin's friends in Europe*. European Council on Foreign Relations, 2016.

¹⁴⁶ VAISSIE, Cecile. *Kremlin's Networks in France*. Ukrainian Centre for Economic & Political Studies, National Security & Defense, no. 9-10, 2016, p. 107.

século XX pelo apelo aos valores tradicionais no século XXI, apoiando-se no conceito de segurança espiritual e assumindo os seguintes papéis na política exterior russa, segundo van Herpen:¹⁴⁷

- Trazer paróquias ortodoxas no exterior de volta à égide do Patriarcado de Moscou;
- Reivindicar a antiga propriedade da igreja no exterior que pertencia à Rússia tsarista;
- Criar um amplo grupo de apoiadores do Russkiy Mir no exterior, de modo a se tornarem defensores das políticas do Kremlin.

Van Herpen afirma que o novo messianismo ortodoxo conta com o esforço conjunto do Patriarcado de Moscou, do Kremlin, de políticos regionais e nacionais, da diáspora russa no exterior, e de oligarcas russos próximos ao regime, e pretende ainda reconstruir igrejas ortodoxas destruídas no período soviético, além de construir outras milhares na Europa nos próximos anos, transformando a IOR em uma igreja global, apoiada pelo estado e co-financiada por oligarcas. O autor destaca que diferentemente de exemplos históricos, como o da Igreja Católica, no caso russo trata-se de um Estado atuando no mercado religioso global. Entretanto, para a maioria dos russos, a ortodoxia se tornou mais uma questão de identidade étnica e nacional que genuína religiosidade, relata.¹⁴⁸

Em discurso no Valdai International Discussion Club, em 2013, Putin afirmou que o excesso de politicamente correto chegou a um ponto no qual as pessoas estão seriamente falando sobre registros de partidos políticos cujo foco é a promoção da pedofilia, que muitos europeus estão constrangidos para declarar suas afiliações religiosas e que dias santos têm sido abolidos ou chamados de algo distinto cuja essência e fundamento moral são escondidos. Não obstante, alertou que as pessoas estão agressivamente tentando exportar tal modelo para o mundo inteiro e declarou que está convencido de que tal caminho leva diretamente à degradação e ao primitivismo, resultando em profunda crise moral e geográfica.¹⁴⁹ Em maio de 2014, Konstantin Malofeev, oligarca russo, organizou um encontro secreto que reuniu centenas de pessoas, especialmente representantes dos partidos que estiverem presentes como observadores na Crimeia e aqueles que promovem

¹⁴⁷ Op. Cit., pp. 129 – 138.

¹⁴⁸ Op. Cit., pp. 153 – 162.

¹⁴⁹ Vladimir Putin Meets with Members the Valdai International Discussion Club. Valdai Discussion Club, 2013.

ideias nacionalistas radicais. Oficialmente, tal evento foi organizado no palácio Liechtenstein, em Viena, como uma celebração do futuro dos valores fundamentais da civilização cristã na Europa e Aymeric questiona o fato dele ter sido fechado ao público e à imprensa e de participantes não terem sido autorizados a tirar fotografias.¹⁵⁰ Bernhard ressalta que todos os presentes estavam a falar em métodos para salvar a Europa do liberalismo e do *lobby* homossexual, glorificando as conquistas do Putin.¹⁵¹

Em 2012 o Kremlin obteve uma vitória no Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, quando esta adotou a resolução A/HRC/21/L.2 no que concerne a exemplos de boas práticas, requerendo ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos que coletasse informações dos Estados Membros da organização sobre as melhores práticas na aplicação de valores tradicionais enquanto promoção e proteção de direitos humanos e garantia de dignidade humana. Tal resolução definiu valores tradicionais como dignidade, liberdade e responsabilidade.¹⁵² Em 2013, em artigo publicado no site do Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa, o governo russo declarou que o aumento da competição global e o aumento do potencial de crises cria o risco de uma utilização destrutiva e ilegal de conceitos de *soft power* e direitos humanos de modo a exercer pressão política em Estados soberanos, interferindo em seus assuntos internos, desestabilizando-os politicamente, manipulando a opinião pública, inclusive sob o pretexto de financiar projetos culturais e de direitos no exterior.¹⁵³

¹⁵⁰ CHAUPRADE, Aymeric. *Réunion prorusse à Vienne de partis d'extrême droite européens*. Libération, 2014.

¹⁵¹ ODEHNAL, Bernhard. *Gipfeltreffen mit Putins fünfter Kolonne*. Tages Anzeiger, 2014.

¹⁵² *Promoting human rights and fundamental freedoms through a better understanding of traditional values of humankind: best practices*. Human Rights Council, General Assembly, United Nations, 2012.

¹⁵³ Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation. Ministério de Relações Exteriores da Federação Russa, 2013.

3. A projeção russa sob o governo Putin

O urso russo é, naturalmente, uma imagem que tem sido familiar há muito tempo, como nos desenhos animados da Europa Ocidental do século 19, trazendo a ideia de um animal poderoso, mas que não é tão facilmente domesticado, não tendo a diplomacia russa contemporânea desencorajado a mídia ocidental de continuar a usar este estereótipo metafórico, relata Emerson. Segundo o autor, enquanto que a Rússia da década de 1990 viu a instabilidade política e financeira em grande escala, durante a presidência de Putin o país tornou-se novamente uma forte estrutura de poder estatal, com uma economia em alimentada pelos altos preços de energia.¹⁵⁴

Tsygankov defende que concepção russa das relações internacionais é soberanista e westfaliana, na qual os interesses nacionais russos orientam a política externa. O autor argumenta que a política externa é moldada pela identidade internacional de um país, logo, que a Rússia tem assumido uma identidade nacionalista marcada por uma visão tradicionalista e geopolítica que prossegue a recuperação do estatuto de poder e a criação de uma zona de influência no espaço pós-soviético, ilustrada na imagem abaixo:

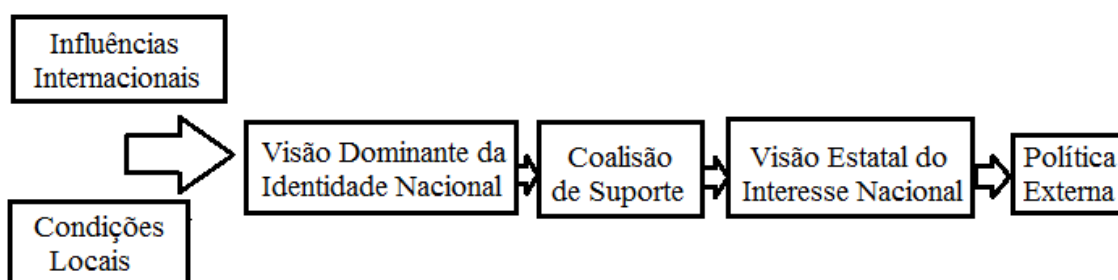


Imagem: Causalidade processual da política externa.¹⁵⁵

Makarychev aponta a existência de duas Europas na mentalidade de alguns intelectuais russos, uma "Europa falsa", que inclui países com fortes sentimentos anti-russos e aqueles que perderam os "verdadeiros valores europeus" e uma "Europa verdadeira", indiscutivelmente povoada pelas nações amigáveis à Rússia que aderiram ao "o espírito original da Europa". Segundo o autor, ao articular tais conceitos, a Rússia tenta não apenas exibir a sua própria identidade europeia, mas também identificar seu próprio

¹⁵⁴ EMERSON, Michael (Ed). *The Elephant and the Bear Try Again: Options for a New Agreement Between the EU and Russia*. Centre For European Policy Studies, Brussels, 2006, Pp. 1 – 2.

¹⁵⁵ TSYGANKOV, Andrei. *Russia's foreign policy: change and continuity in national identity*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2013, p. 18.

"círculo de amigos", apresentar uma acentuação da fraqueza europeia e uma negação da atração da Europa pela Rússia, além de apresentar a UE como uma entidade exausta, sem vontade política e identidade própria.¹⁵⁶ Morozov defende que ao moldar discursivamente uma "Europa verdadeira", a Rússia se esforça para superar e deslocar seus próprios medos de se isolar da cultura e dos valores europeus.¹⁵⁷

Emerson et al. afirmam que a Rússia aspira a um acordo que projete a sua especificidade - tamanho, significado geopolítico e falta de vontade de ser um associado da UE, aceitando automaticamente o alinhamento às normas da comunidade. Segundo os autores, a ideia da Rússia de ser um "parceiro igual" à UE reflete-se numa crescente autoconfiança e assertividade no cenário internacional, impulsionada pelos trunfos que pode desempenhar no setor da energia, tendo alguns interesses bastante pragmático, como, por exemplo, a liberdade de circulação de pessoas - empresários, estudantes, turistas, funcionários, etc. - no Espaço Schengen, como foi ilustrado pelas suas fortes exigências de facilitação de vistos. Os autores ressaltam que a missão russa para a UE em Bruxelas é considerada a maior embaixada da Rússia no mundo, composta por diplomatas e especialistas que abrangem todos os aspectos do processo de integração europeia.¹⁵⁸

Simons afirma que, até 1999, Vladimir Putin era uma personalidade política relativamente desconhecida¹⁵⁹ e Lucas o corrobora ao defender que pouco se sabia sobre ele, pessoalmente ou profissionalmente - gostava de judô e falava alemão -,¹⁶⁰ entretanto, sua carreira política começou em maio de 1990, quando se tornou um assessor em assuntos internacionais para o prefeito de São Petersburgo, Anatoly Sobchak, relata

¹⁵⁶ MAKARYCHEV, Andrey S.. *Russia's Discursive Construction of Europe and Herself: Towards New Spatial Imagery*. In: *Post-Soviet In/Securities: Theory and Practice*, Mershon Center, Ohio State University, 2005.

¹⁵⁷ MOROZOV, Vyacheslav. *V poiskakh Evropy: rossiiskiy politicheskiy diskurs i okruzhayuschiy mir* (In search for Europe: Russian political discourse and the outside world), *Neprikosnovenniy zapas*, nº 4(30), 2003.

¹⁵⁸ EMERSON, Michael; TASSINARI, Fabrizio; & VAHL, Marius. *A New Agreement Between the EU and Russia: Why, What and When?*. In: EMERSON, Michael (Ed). *The Elephant and the Bear Try Again: Options for a New Agreement Between the EU and Russia*. Centre For European Policy Studies, Brussels, 2006, pp. 63 - 64.

¹⁵⁹ SIMONS, Greg. *Vladimir Putin's political image: an inside and outside perspective*. Baltic Rim Economies, 2017.

¹⁶⁰ LUCAS, Edward. *The New Cold War: How the Kremlin Menaces Both Russia and the West*. London, 2008, p. 19.

Hubert, sendo escolhido como chefe do pessoal presidencial de Yeltsin em 1997 e nomeado chefe do FSB no verão de 1998.¹⁶¹ Em 2016, a pessoa mais poderosa do mundo por quatro anos consecutivos pela revista Forbes.¹⁶² Segundo Simons, Putin é considerado assassino, antidemocrático, autoritário, ditador e manipulador de democracias ocidentais para social-progressistas e guardião dos valores tradicionais e da civilização ocidental para conservadores culturais.

Bernays comenta ser indagação constante se o líder faz propaganda ou se a propaganda o líder faz, acrescentando que há uma impressão generalizada de que um bom agente de imprensa pode transformar um desconhecido em um grande homem. O autor afirma que deve haver um terreno fértil para o líder e para ideias semearem, ou seja, uma necessidade mútua tem que existir antes que qualquer uma possa se tornar positivamente eficaz, não servindo de nada a propaganda ao político, a menos que ele tenha algo a dizer o que o público, conscientemente ou inconscientemente, queira ouvir.¹⁶³

Feklyunina argumenta que posicionar a Rússia como um país sem ambições imperiais, mas com interesses legítimos nos Estados vizinhos, é uma das tarefas mais difíceis da campanha de relações públicas do Kremlin, uma vez que algumas ações de Moscou na área pós-soviética não correspondem à imagem projetada. Segundo a autora, os estereótipos centenários sobre o imperialismo russo entre as elites na ‘vizinhança próxima’ são reforçados cada vez que a Rússia permite qualquer oportunidade nesse sentido, pois, para as antigas repúblicas soviéticas e os países que faziam parte do bloco de leste, quaisquer ações russas que não lhes sejam favoráveis parecerão sempre neo-imperiais.¹⁶⁴

Baranovsky afirma que a Rússia certamente preferiria lidar com uma Europa pluralista e específica de Estados-nação, que parece estar pronta para fechar acordos políticos, vendo como bastante lógico interagir com países no âmbito bilateral e não com uma estrutura na qual os próprios Estados membros se mostraram relutantes para operar em conjunto.¹⁶⁵

¹⁶¹ HUBERT, Laurent A.. *Misrepresenting Russia: Western perceptions of the Putin years, 1999-2008*. Université de Montréal, 2014, p. 47.

¹⁶² Vladimir Putin: President, Russia. Forbes.

¹⁶³ BERNAYS, Edward L. *Propaganda*. 1928, pp. 108 – 109.

¹⁶⁴ FEKLYUNINA, V. *Battle for Perceptions: Projecting Russia in the West*. Europe - Asia Studies, vol. 60, no. 4, 2008, p. 620.

¹⁶⁵ BARANOVSKY, Vladimir. *Russia's Attitudes Towards the EU: Political Aspects*. Ulkopolittinen instituutti & Institut fur Europäische Politik, 2002. P.51.

Segundo Makarychev, Moscou precisa de uma Europa ligada à Rússia através de uma variedade de laços informais, por meio de tomadores de decisão sensíveis a argumentos russos.¹⁶⁶ Putin ambiciona reduzir a credibilidade, a força e a autoridade moral do ocidente, de modo a se reafirmar na sua área geográfica de influência, afastando os seus vizinhos da esfera de proteção da OTAN, e enfraquecendo a cooperação política e econômica europeia, visando ampliar a dependência dos seus vizinhos em relação à Rússia, defende Cristo.¹⁶⁷

3.1. Evolução do *nation branding* russo durante os governos Putin

Em 31 de dezembro de 1999 o então presidente russo Boris Yeltsin renunciou, assumindo o poder como presidente em exercício o primeiro-ministro da época, Vladimir Putin, que havia chegado a tal posto apenas quatro meses antes, sendo eleito presidente em março de 2000 (2000 – 2004) com 53% dos votos ao capitalizar popularidade em sua guerra contra os muçulmanos separatistas da Chechênia, relata Steinberg.¹⁶⁸ Numerosos alegados casos de abusos dos direitos humanos na província em questão levaram a mídia convencional ocidental a criticar a Rússia, culpando o governo Putin pela escalada da violência na região, desconsiderando, da parte de Grózní, operações terroristas, invasões ao Dagestan e à Ingushetia e uma história de abuso contra minorias russas, além de fatores como a integridade territorial russa e a importância econômica da região para o país, relata Hubert.¹⁶⁹ A imagem ocidental da Rússia de Putin é de um estado revanchista buscando usar sua superioridade militar sobre vizinhos fracos e indefesos para recuperar o domínio sobre eles e controlar seus recursos, afirmam Trenin e Malashenko.¹⁷⁰

Na sequência dos atos terroristas de 11 de setembro de 2001, aproveitando a oportunidade e a retórica da guerra ao terror, Putin fez uma escolha normativa a favor de uma parceria estratégica com os Estados Unidos e a Europa, analisa Medvedev. Segundo o autor, um

¹⁶⁶ MAKARYCHEV, Andrey S. *Europe as an Argument: Two Ontologies of the Russia's EU Discourse and their Deconstructio*. NORDFACE Workshop, Nupi, 2007.

¹⁶⁷ CRISTO, Alexandre Homem. *Putin, o maior inimigo dos europeus*. Observador, 2017.

¹⁶⁸ STEINBERG, Mark D. *Religion, Morality, and Community in Post-Soviet Societies*. Indiana University Press, 2009, p. 286.

¹⁶⁹ Op. cit., p. 5.

¹⁷⁰ TRENIN, Dmitri R. & MALASHENKO, Aleksei. *Russia's Restless Frontier: The Chechnya Factor in PostSoviet Russia*. Washington, DC, 2004, p. 202.

compromisso em relação ao enclave de Kaliningrado, que a Rússia e a UE chegaram na Cimeira de Copenhague, em novembro de 2002, sinalizou a disponibilidade da Rússia para abandonar uma interpretação puramente geopolítica do território em questão, uma área-chave de segurança, em prol de um diálogo mais amplo com a UE.¹⁷¹ Daehnhardt & Freire afirmam, que em uma tentativa de desenvolver o seu próprio *soft power*, através de uma diplomacia pública ativa e do financiamento de ONGs, Moscou denunciou as revoluções coloridas – a Rosa, na Geórgia, em 2003 e a Laranja, na Ucrânia, em 2004 (segundo governo Putin, 2004 – 2008) – como estratégias deliberadas do ocidente para colocar no poder líderes de orientação pró-ocidental, cujas agendas passaram a incluir, entre outros assuntos, a adesão à OTAN e uma colaboração mais estreita com a UE, no âmbito da sua política de vizinhança. Segundo as autoras, estas dinâmicas contribuiriam, segundo os líderes russos, para o fomento da competição regional, desvirtuando as organizações regionais enquanto fóruns de cooperação e instrumentalizando-as para alcançar os objetivos dos governos ocidentais.¹⁷²

Ortamann relata que, à medida que o dinheiro do petróleo inundou a Rússia, o estado das finanças públicas do país se transformou, permitindo que Putin pagasse todos os empréstimos do FMI em 2005, anos antes do cronograma - um gesto que sinaliza a nova independência e força do estado russo para o ocidente. Segundo a autora, a leitura europeia dominante dos conflitos acerca do gás entre a Rússia e a Ucrânia era a do poderoso Estado russo que utilizava a energia como ferramenta de política externa, de forma desestabilizadora e totalmente ilegítima. Segundo ela, esta narrativa reconheceu a Rússia como um ator poderoso e autônomo, em vez de um objeto passivo da hegemonia normativa europeia.¹⁷³

Avgerinos afirma que, em 2006, a reputação internacional da Rússia atingiu um mínimo histórico. Segundo a autora, a interferência desastrosa do Kremlin na Revolução Laranja na Ucrânia aumentou as tensões com a União Europeia, enquanto os ataques continuados da administração de Putin à liberdade da mídia russa, a abolição da governança democrática regional e a repressão às organizações não-governamentais nacionais e

¹⁷¹ MEDVEDEV, Sergei. *Rethinking the National Interest: Putin's Turn in Russian Foreign Policy*. George C. Marshall - European Center for Security Studies, The Marshall Center Papers, No. 6, 2003, p. ix; p. 47.

¹⁷² DAEHNHARDT, Patrícia & FREIRE, Maria Raquel. *A política externa russa no espaço euro-atlântico: dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, pp. 95 – 96.

¹⁷³ ORTMANN, Stefanie. *Russia as hyper-Westphalian Great Power*. University of Sussex, 2010.

internacionais enviaram sinais alarmantes para o mundo que a Rússia estava rapidamente se afastando da democracia.¹⁷⁴

A UE está preocupada com os desenvolvimentos políticos e de política estrangeira na Rússia, os quais são percebidos como sendo cada vez mais divergentes da concepção da comunidade europeia sobre os valores europeus, relatam Emerson et al... Para os autores, esta diferença de valores é percebida como tendo aumentado especialmente durante o segundo mandato do presidente Putin no cargo como resultado de dois desenvolvimentos, um interno e outro externo: o interno tem sido o fortalecimento do "poder vertical" do Kremlin, a ausência de pluralismo partidário, a erosão das liberdades de mídia e de ONGs, a falta de um sistema judicial independente e de um estado de direito; o externo, mas relacionado, tem sido o surgimento da nova geopolítica russa, na qual o complexo Kremlin-Gazprom exerce pressão sobre os antigos estados soviéticos que fazem fronteira agora com a Rússia e a UE, com uma combinação de energia comercial e de instrumentos político-diplomáticos.¹⁷⁵

Chivers relata que apenas um dia após entregar a presidência a Medvedev (2008 – 2012), Putin foi nomeado primeiro-ministro da Rússia, mantendo o domínio político.¹⁷⁶ Em 2010, Putin visitou oficialmente a França para tratar de questões bilaterais, comprometendo-se a preparar a opinião pública francesa na sua chegada ao conceder uma entrevista à Agence France Presse (AFP) e à televisão pública France 2, assegurando, dentre outras coisas, que a Rússia acreditava muito no futuro do Euro e que julgava suas dificuldades temporárias, relata Moszynski. Segundo o autor, nessa ocasião, ele também tentou salvar sua própria imagem em relação aos franceses, alegando que sua imagem de "homem forte" estava sendo construída sem a sua própria participação, defendendo a não existência da possibilidade de um culto à personalidade se instalar novamente na Rússia – ao ser questionado sobre as violações aos direitos humanos e às liberdades na Rússia, ele retrucou que as potências ocidentais desviaram as liberdades colonizando a África.¹⁷⁷ A Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) publicou o relato de observadores internacionais alegando que as eleições presidenciais da Rússia de 2012

¹⁷⁴ AVGERINOS, Katherine P.. *Russia's Public Diplomacy Effort: What the Kremlin is Doing and Why it's Not Working*. Princeton University, 2009.

¹⁷⁵ Op. cit.

¹⁷⁶ CHIVERS, C. J.. *Putin Is Approved as Prime Minister*. The New York Times, 2008.

¹⁷⁷ MOSZYNSKI, Piotr. *Vladimir Poutine à Paris pour renforcer les relations économiques franco-russes*. Radio France Internationale, 2010.

foram marcadas por condições de campanha desiguais. Segundo a reportagem, tais observadores constataram que todos os candidatos tinham acesso à mídia, entretanto, Putin recebeu uma clara vantagem sobre seus concorrentes em termos de presença na mídia, além da mobilização dos recursos estatais a nível regional em seu apoio – sendo eleito para o seu terceiro mandato (2012 – presente). Além disso, os requisitos de registro de candidatos excessivamente restritivos limitaram a concorrência genuína, conclui o informe.¹⁷⁸

Dorman afirma que a imponente cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de inverno de Sóchi, em 2014, combinando canções folclóricas, música clássica, ballet e monumentalismo soviético, foi vislumbrada por Putin como uma oportunidade para mostrar ao mundo o país que ele construiu em catorze anos de poder, simbolizando o retorno de uma poderosa e moderna Rússia à frente da cena internacional. Segundo a autora, em 2007, ele usou toda a sua influência para convencer o júri a permitir-lhe organizar "o maior evento na Rússia desde a queda da União Soviética em 1991", vindo a transformar, sete anos depois, uma pequena estância balneária na costa do Mar Negro e uma modesta estação de esqui em um pólo hiper-moderno.¹⁷⁹

Feklyunina defende que quando o presidente Putin posicionou tropas perto da fronteira com a Ucrânia na primavera de 2014, essa ação significou coisas diferentes para diferentes atores na Europa. Para uns, foi uma ação ameaçadora que demonstrou a vontade da Rússia em usar a coerção e para outros foi uma confirmação simbólica da determinação da Rússia de proteger os falantes russos.¹⁸⁰

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, comentou as ideias do ex-chanceler alemão, Helmut Kohl, que considerava que a Rússia e a Europa deveriam estar juntas, ao que Putin afirmou que Moscou está pronta para tal unidade, e que a Europa deveria aspirar isso também. Nas palavras do presidente russo:

“Se nós quisermos manter nossa civilização nessas mudanças rápidas e turbulentas do mundo com crescimento dos centros de poder — não só poder

¹⁷⁸ Russia's presidential election marked by unequal campaign conditions, active citizens' engagement, international observers say. Organization for Security and Co-operation in Europe, 2012.

¹⁷⁹ DORMAN, Veronika. *Les sommets de la gloire pour Vladimir Poutine*. Libération, 2014.

¹⁸⁰ Op. cit.

militar, mas também econômico e cultural — então, é claro, a Europa e a Rússia devem ficar juntas." ¹⁸¹

Ribeiro relata ser muito improvável que o desfecho das eleições presidenciais de 2018 seja outro que não a recondução de Putin por mais cinco anos, pois a anexação da Crimeia, em 2014, ampliou a legitimidade do regime para um novo nível e esse efeito ainda se mantém. Segundo o autor, a raiz da popularidade do regime são, em grande parte, os canais de televisão russos – quase todos direta ou indiretamente dependentes do financiamento público – através dos quais Putin é apresentado como um líder forte, que voltou a trazer a Rússia para a mesa das grandes potências, perante a imoralidade e a decadência do Ocidente. ¹⁸²

3.2 Estagnação da imagem russa?

Schmitt alerta que o inimigo político não precisa ser moralmente mau ou esteticamente feio, não precisa aparecer como um concorrente econômico e pode até ser vantajoso se envolver com ele em transações comerciais. Entretanto, o autor ressalta que ele é o outro, o estranho, sendo suficiente para a sua natureza que ele seja, de uma forma especialmente intensa, existencialmente algo diferente e estranho, de modo que em casos extremos conflitos com ele são possíveis. ¹⁸³ Logo, deve-se ter cautela ao se associar a imagem russa na Europa como positiva baseada apenas em estatísticas comerciais.

Estudo recente da Pew Research Center demonstra que a opinião acerca da Rússia é desfavorável na maioria dos países europeus, conforme se pode observar na tabela abaixo: ¹⁸⁴

País	Desfavorável	Favorável
Holanda	82%	15%
Suécia	78%	18%
Polônia	69%	21%

¹⁸¹ Putin: Rússia e Europa devem estar juntas. Sputnik News, 2017.

¹⁸² RIBEIRO, João Ruela. *Rússia: Fazer oposição a Putin não é uma brincadeira para crianças*. Público, 2017.

¹⁸³ SCHMITT, Carl. *The Concept of the Political: Expanded Edition*. The University of Chicago Press; Enlarged edition, 2007, p. 27.

¹⁸⁴ Opinion of Russia unfavorable in much of the world. Pew Research Center, 2017.

Alemanha	67%	27%
França	62%	36%
Espanha	60%	27%
Reino Unido	59%	26%
Itália	54%	35%
Hungria	48%	39%
Grécia	31%	64%
Média Global	40%	34%

O estudo do Pew Research Center também concluiu que a maioria dos países europeus tem pouca confiança no presidente Vladimir Putin, conforme a tabela abaixo:¹⁸⁵

País	Desconfiados	Confiantes
Polônia	89%	4%
Espanha	88%	8%
Holanda	87%	12%
Suécia	87%	12%
França	80%	18%
Reino Unido	76%	19%
Alemanha	74%	25%
Itália	64%	26%
Hungria	57%	34%
Grécia	45%	50%
Média Global	60%	26%

¹⁸⁵ Most have little confidence in Putin. Pew Research Center, 2017.

Ao se levar em consideração todas as regiões do globo, o estudo do Pew Research Center chega às seguintes considerações:¹⁸⁶

Região	Têm confiança nas ações de Putin quanto a assuntos globais	Vêm o poder e a influência russa como fonte de ameaça	Têm visão favorável à Rússia	Julgam que o Kremlin respeita as garantias individuais do seu povo
África	35%	31%	34%	51%
Ásia-Pacífico	29%	29%	37%	36%
Oriente Médio	28%	35%	35%	42%
Am. Latina	20%	23%	34%	30%
Europa	19%	41%	27%	14%
Média Global	26%	31%	34%	30%

O levantamento em questão demonstra que a Europa é a região que apresenta menos confiança em Vladimir Putin, com uma média de 81% expressando falta de confiança no presidente russo. Quase nove em dez poloneses (89%), espanhóis (88%), holandeses (87%) e suecos (87%) e oito em dez franceses (80%) não têm confiança em Putin. Segundo o estudo em questão, a maioria dos públicos europeus expressa uma preocupação substancial, mas não esmagadora, na área de segurança em relação ao vizinho do leste. Os gregos (24%) e os húngaros (28%) são os menos preocupados com o poder e a influência da Rússia.¹⁸⁷

Anholt constata pelas informações fornecidas pelo índice Anholt-GfK Roper de *nation brands*, realizado desde 2005, sugerem que as percepções das pessoas sobre países estrangeiros não variam muito, nem rapidamente: preferem se atear às visões existentes. É possível constatar também que não há evidência, segundo tais informações, que tentativas deliberadas de manipulação de imagens surtam qualquer efeito: não há

¹⁸⁶ Little confidence in Putin, low opinions of Russia. Pew Research Center, 2017.

¹⁸⁷ VICE, Margaret. *Publics Worldwide Unfavorable Toward Putin, Russia*. Pew Research Center, 2017.

correlação entre o montante de recursos ou esforços que países destinam para a promoção de suas respectivas imagens nacionais e o que pessoas comuns subsequentemente acreditam sobre eles. A Rússia, como a maioria das nações citadas no índice supramencionado, manteve-se estável em termos de imagem no decorrer dos anos, posicionando-se em 41ª de 50 nações avaliadas, sendo a 6ª no quesito esporte e 42ª em relação aos aspectos de contribuição governamental para a preservação da paz e segurança internacional, proteção ao meio-ambiente e acolhida calorosa de turistas estrangeiros.¹⁸⁸ Tal ranking leva em consideração os seguintes aspectos: povo, turismo, investimento e imigração, cultura e patrimônio, exportações e governança.¹⁸⁹

Feklyunina discorre que embora o Reino Unido e a Alemanha estivessem entre os principais alvos da propaganda do Kremlin durante o governo de Vladimir Putin, as autoridades russas falharam em promover uma imagem mais favorável nesses países. Segundo a autora, a persistência da imagem negativa russa nesses países é particularmente impressionante no contexto de diferenças substanciais nas suas experiências históricas em lidar com a Rússia, nos seus padrões de laços comerciais e especialmente na existência de um relativamente ativo *lobby* pró-Rússia na Alemanha. A pesquisadora destaca que algumas ações das autoridades russas, tanto no âmbito doméstico quanto internacional, contribuíram claramente para o fortalecimento das percepções negativas, o que, em uma certa medida, explica a inabilidade da propaganda estrangeira russa em melhorar substancialmente a imagem do país.¹⁹⁰

Osipova afirma que as várias iniciativas do Kremlin visando melhorar a sua imagem – embora bastante promissoras – não demonstraram ainda sucesso significativo.¹⁹¹ A autora sugere que os meios de comunicação russos devem sempre ter em mente a audiência e, em vez de se concentrarem no confronto e na negatividade, devem enfatizar a cooperação, os aspectos positivos das relações da Rússia com outros atores internacionais, bem como elaborar os objetivos e as considerações que justificam as várias decisões políticas do Kremlin.¹⁹²

¹⁸⁸ ANHOLT, Simon. *Russia's International Image, and Why it Matters*. Valdai Discussion Club, 2013.

¹⁸⁹ Antholt-GfK Nation Brands Index.

¹⁹⁰ Op. Cit., p. 158.

¹⁹¹ OSIPOVA, Yelena. *Selective Processing: A Strategic Challenge for Public Diplomacy an Alternative Approach to Russian Public Diplomacy in the United States*. *Gnovis* 12, no. 2, 2012.

¹⁹² _____. *Seeing Beyond the Bear: Selective Processing and Russian Public Diplomacy in the West*. Global Interests, 2013.

Tsygankov sustenta que, a partir das ideias do "Estado da civilização" e do "Estado conservador", a Rússia deve criar uma imagem que absorva os melhores componentes dos valores do país, evitando o confronto excessivo com o Ocidente, alegando que, exceto no período soviético, a Rússia nunca formulou seus valores como anti-ocidentais. Segundo o autor, a Rússia invariavelmente gerou e protegeu valores que tinham boas chances de se encontrarem com a compreensão nos países ocidentais: humanismo cristão, diálogo inter-étnico, Estado forte e justiça social, sendo universais muitos aspectos desses valores, o que deverá facilitar a tarefa de sua proteção e promoção no sistema internacional.¹⁹³

¹⁹³ TSYGANKOV, Andrei. *Towards a New Strategy of Civilizational Concentration*. Russia in Global Affairs, 2017.

CONCLUSÃO

Partindo-se da premissa comum aos internacionalistas de que as relações internacionais são pautadas por relações de poder e daquela partilhada pelos economistas de que os recursos são escassos, pode-se compreender a opção do governo Putin em fortalecer o *nation branding* russo no mercado internacional de imagens nacionais. Sua criação, manutenção, reformulação, manipulação e projeção leva consigo uma aposta de economia de recursos humanos e materiais consideráveis se comparados ao tradicional meio de obter ganhos no sistema internacional: a guerra.

Além de ter destinado somas vultosas a tal empreendimento, Putin optou pela diversificação dos meios como a utilização dos serviços de Relações Públicas ocidentais, o patrocínio de fóruns internacionais, a ampliação da propaganda, a aquisição de participação em mídias estrangeiras através de oligarcas ligados ao governo, a expansão da Igreja Ortodoxa Russa e o financiamento de políticos e partidos políticos europeus para a consecução dos objetivos da agenda do Kremlin.

A Rússia de Putin tem buscado se configurar como uma alternativa ideológica à União Europeia (UE), lançando a proposta da União Eurasiana, cujo sucesso é tido como crucial para a competitividade global da Rússia. De modo a subsidiar tal agenda, o Kremlin tem realizado a promoção da cultura, língua e sistema de educação russos como atrativos e competitivos, apostado na contenção da descrição negativa, por parte da mídia estrangeira, das políticas russa e do *Russian way of life*; e patrocinado a criação de um grupo de amigos da Rússia pelo mundo.

Há diferenças significativas de percepção das ações russas sob o governo dentre os países europeus, desde ex-Repúblicas soviéticas que temem o retorno do imperialismo russo a nações que vêem a aproximação russa com bons olhos, visando obter ganhos comerciais. Entretanto, apesar da notável ampliação do orçamento destinado ao melhoramento da imagem russa, ainda não é perceptível nenhum incremento considerável, e ações como a anexação da Crimeia, intervenção na região do Cáucaso e a tentativa de retorno de influência na área correspondente a ex URSS podem comprometer os esforços realizados até o momento.

REFERÊNCIAS

A speech by the Chairman of the Eastern Committee, Eckhard Cordes. Handelsblatt-Tagung, 2012. Disponível em:

<http://www.ost-ausschuss.de/sites/default/files/pm_pdf/Rede-Cordes-Handelsblatt-Jahrestagung-Russland.pdf> Acessado em 11.02.2017

ALIMI, Jannick. *Pour les Français, Vladimir Poutine plombe l'image de la Russie*. Le Parisien, 2017. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/international/pour-les-francais-vladimir-poutine-plombe-l-image-de-la-russie-19-05-2017-6962484.php>> Acessado em 28.08.2017

ANHOLT, Simon. *Russia's International Image, and Why it Matters*. Valdai Discussion Club, 2013. Disponível em:

<http://valdaiclub.com/a/highlights/russia_s_international_image_and_why_it_matters> Acessado em 02.08.2017

Antholt-GfK Nation Brands Index. Disponível em: <<http://nation-brands.gfk.com/>> Acessado em 02.08.2017

ARENDDT, Hannah. *The Impotence of Power*. In: *Dissent, Power and Confrontation*, edited by Alexander Klein. New York: McGraw Hill, 1971, p. 213.

AVGERINOS, Katherine P.. *Russia's Public Diplomacy Effort: What the Kremlin is Doing and Why it's Not Working*. Princeton University, 2009. Disponível em: <<https://jpia.princeton.edu/sites/jpia/files/2009-6.pdf>> Acessado em 11.09.2017

BALDWIN, David A.. *Power and International Relations*. Princeton, 2012. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~dbaldwin/selected%20articles/Baldwin%20%282012%29%20Power%20and%20International%20Relations.pdf>> Acessado em 20.08.2017

BARANOVSKY, Vladimir. *Russia's Attitudes Towards the EU: Political Aspects*. Ulkopolittinen instituutti & Institut fur Europäische Politik, 2002. p.51.

BARNETT, Michael & DUVALL, Raymond. *Power in Global Governance*. Cambridge University Press, 2005.

BAUER, Raymond A. *Problems of Perception and the Relations Between the United States and the Soviet Union*, The Journal of Conflict Resolution, 5, 1961, pp. 223 – 229.

BERNAYS, Edward L. *Propaganda*. 1928, pp. 108 – 109. Disponível em: <<http://www.whale.to/b/bernays.pdf>> Acessado em 04.09.2017

BLITT, Robert C. *Russia's "Orthodox" Foreign Policy: The Growing Influence of the Russian Orthodox Church in Shaping Russia's Policies Abroad*. University of Pennsylvania, *Journal of International Law* 33, no. 2, 2011, pp. 389 – 390.

BRADLEY, Matt. *Europe's Far-Right Enjoys Backing from Russia's Putin*. NBC News, 2017. Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/news/world/europe-s-far-right-enjoys-backing-russia-s-putin-n718926>> Acessado em 03.04.2017

BOHM, M. *Ukraine is Putin's favorite vassal*. Moscow Times, 2013. Disponível em: <<https://themoscowtimes.com/articles/ukraine-is-putins-favorite-vassal-30782>> Acessado em 30.04.2017

BOULDING, K. E. *National Images and International Systems*. *The Journal of Conflict Resolution*. 3, 2, pp. 120 – 131. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/67232/10.1177_002200275900300204.pdf?sequence=2> Acessado em 25.05.2017

BOURDIEU, Pierre. *Social Space and Symbolic Power*. *Sociological Theory* 7, *Sociological Theory*, Vol. 7, No. 1., 1989, pp. 14-25.

BRONFENBRENNER, Urie. *The Mirror Image in Soviet-American Relations: A Social Psychologist's Report*. *The Journal of Social Issues*, 17, 1961, 45–56.

CHAUPRADE, Aymeric. *Réunion prorusse à Vienne de partis d'extrême droite européens*. Libération, 2014. Disponível em: <http://www.liberation.fr/planete/2014/06/04/reunion-prorusse-a-vienne-de-partis-d-extreme-droite-europeens_1033208> Acessado em: 13.06.2017

CHIVERS, C. J.. *Putin Is Approved as Prime Minister*. The New York Times, 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/05/09/world/europe/09russia.html>> Acessado em 04.09.2017

CHOMSKY, Noam. *On Propaganda*. WBAI, 1992. Disponível em: <https://chomsky.info/199201__/> Acessado em 03.09.2017

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 3 ed, 2010, p. 27.

Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation. Ministério de Relações Exteriores da Federação Russa, 2013. Disponível em:

<http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-

[/asset_publisher/CptICk6BZ29/content/id/122186](http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptICk6BZ29/content/id/122186)> Acessado em: 10.06.2017

CRISTO, Alexandre Homem. *Putin, o maior inimigo dos europeus*. Observador, 2017.

Disponível em: <<http://observador.pt/opiniao/putin-o-maior-inimigo-dos-europeus/>>

Acessado em 06.09.2017

CULL, Nicholas J. *"Public Diplomacy" Before Gullion: The Evolution of a Phrase*.

University of Southern California, Center on Public Diplomacy, 2006. Disponível em:

<<http://uscpublicdiplomacy.org/blog/public-diplomacy-gullion-evolution-phrase>>

Acessado em 07.06.2017

ĆWIEK-KARPOWICZ, Jarosław. *Limits to Russian Soft Power in the Post-Soviet Area*.

Deutsche Gesellschaft für Auswärtige Politik, no. 8, 2012. Disponível em:

<<https://dgap.org/en/article/getFullPDF/21791>> Acessado em 21.03.2017

DAHL, Robert A.. *The Concept of Power*. Behavioral Science, 1957, Vol 2, pp. 201-215.

DE TINGUY, Anne. *Ambivalence et distanciation. Perceptions de la Russie en France*.

Russia in Global Affairs, vol. XI, 2013, p. 21.

DAEHNHARDT, Patrícia & FREIRE, Maria Raquel. *A política externa russa no espaço*

euro-atlântico: dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado. Imprensa

da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014, pp. 95 – 96. Disponível em:

<[https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/41477/1/%EF%BB%BFA%20pol%](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/41477/1/%EF%BB%BFA%20pol%C3%ADtica%20externa%20russa%20no%20espa%C3%A7o%20euro-atl%C3%A2ntico.pdf)

[C3%ADtica%20externa%20russa%20no%20espa%C3%A7o%20euro-](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/41477/1/%EF%BB%BFA%20pol%C3%ADtica%20externa%20russa%20no%20espa%C3%A7o%20euro-atl%C3%A2ntico.pdf)

[atl%C3%A2ntico.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/41477/1/%EF%BB%BFA%20pol%C3%ADtica%20externa%20russa%20no%20espa%C3%A7o%20euro-atl%C3%A2ntico.pdf)> Acessado em 25.09.2017

DIEZ, Thomas & MANNERS, Ian. *Reflecting on Normative Power Europe*. In: *Power in*

World Politics. BERENSKOETTER, Felix & WILLIAMS, M.J. (eds.). New York:

Routledge, 2007.

DORMAN, Veronika. *Les sommets de la gloire pour Vladimir Poutine*. Libération, 2014. Disponível em: <http://www.liberation.fr/sports/2014/02/07/les-sommets-de-la-gloire-pour-vladimir-poutine_978676> Acessado em 15.09.2017

DOUGHERTY, Jill. *Russia's "Soft Power" Strategy*. Georgetown University, 2013. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/709790/Dougherty_georgetown_0076M_12414.pdf;sequence=1> Acessado em 10.01.2017

EPSTEIN, Edward Jay. *Deception : the invisible war between the KGB and the CIA*. EJE Publication, New York, 2014, pp. 176 - 180.

EMERSON, Michael (Ed). *The Elephant and the Bear Try Again: Options for a New Agreement Between the EU and Russia*. Centre For European Policy Studies, Brussels, 2006, pp. 1 – 2. Disponível em: <<https://www.ceps.eu/system/files/book/1402.pdf>> Acessado em 29.08.2017

EMERSON, Michael; TASSINARI, Fabrizio; & VAHL, Marius. *A New Agreement Between the EU and Russia: Why, What and When?*. In: EMERSON, Michael (Ed). *The Elephant and the Bear Try Again: Options for a New Agreement Between the EU and Russia*. Centre For European Policy Studies, Brussels, 2006, pp. 63 – 64. Disponível em: <<https://www.ceps.eu/system/files/book/1402.pdf>> Acessado em 29.08.2017

FEKLYUNINA, V. *Battle for Perceptions: Projecting Russia in the West*. Europe - Asia Studies, vol. 60, no. 4, 2008, p. 620.

_____. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. University of Glasgow, 2009, pp. 38-42; p. 55; pp. 69-70; pp. 113; pp. 137-142; p. 158. Disponível em: <<http://theses.gla.ac.uk/1391/2/2009feklyuninaphd.pdf>> Acessado 04.05.2017

_____. *Soft Power and Identity: Russia, Ukraine and the 'Russian World(s)'*. European Journal of International Relations 2016, 22 (4), pp. 773-796. Disponível em: <http://eprint.ncl.ac.uk/file_store/production/214620/E51495DA-3D65-4368-AB0A-9457243584E5.pdf> Acessado em 10.06.2017

FORSS, Stefan. *Russian Military Thinking and Threat Perception – A Finnish view*. CERl STRATEGY PAPERS, no. 5, 2009, p. 3. Disponível em:

<http://www.sciencespo.fr/ceri/sites/sciencespo.fr/ceri/files/n5_13112009.pdf>

Acessado em 05.06.2017

FOXALL, Andrew . *The Kremlin's Sleight of Hand: Russia's Soft Power Offensive in the UK*. Russia Studies Centre Policy Paper No. 3, 2015. Disponível em: <<http://henryjacksonsociety.org/wp-content/uploads/2015/02/The-Kremlins-Sleight-of-Hand.pdf>> Acessado em: 10.06.2017

FUKUYAMA, Francis. *America in Decay – The Sources of Political Dysfunction*. Foreign Affairs 93, no.5, 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2014-08-18/america-decay>> Acessado em 01.06.2017

GARTZKE, Erik. *The Relevance of Power in International Relations*. University of Pennsylvania, 2010, p. 5. Disponível em: <https://bc.sas.upenn.edu/system/files/Gartzke_03.04.10.pdf> Acessado em 29.06.2017

GALEOTTI, Mark. *'Hybrid War' and 'Little Green Men': How It Works, and How It Doesn't*. In: *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, p. 157 - 159.

GALLIE, W. B.. *Essentially Contested Concept*. Proceedings of the Aristotelian Society, New Series, Vol. 56, 1956.

GILBERT, Felix & CRAIG, Gordon Alexander. *The Diplomats 1919 – 1939*. Princeton University, 1994, pp. 546 – 547.

GOMART, Thomas. *France's Russia Policy: Balancing Interests and Values*. The Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology, 2007. Disponível em: <http://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/france_russie.pdf> Acessado em 03.09.2017

GORODNICHENKO, Y.; ROLAND, G. & WALKER, Edward W.. *Is Putin out to destroy the EU?* Berkeley Blog, UC Berkeley, 2014. Disponível em: <<http://blogs.berkeley.edu/2014/12/15/is-putin-out-to-destroy-the-eu/>> Acessado em: 01.05.2017

GREWAL, David. *Network Power: The Social Dynamics of Globalization*. New Haven: Yale University Press, 2010.

GUASTI, P. & NIEMANN, A. *Lost in Translation: Human and Minority Rights Discourses of the European Union And Russia*. Вестник СПбГУ. Вып. 1, 2015. Disponível em: <<http://vestnik.spbu.ru/html15/s06/s06v1/11.pdf>> Acessado em 25.08.2017

HALL, S., Hobson; D., LOWE A. & WILLIS, P. *Culture, Media, Language*. Taylor & Francis, 2005, p. 130.

HALPER, Stefan. *The Beijing Consensus: Legitimizing Authoritarianism in our Time*. Chapter 1, *China and the global shift: beating the west at its own game*. Basic Books, New York, 2012.

HAMMES, Colonel Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 1st Century*. MN: Zenith Press, St. Paul, 2004, p 213.

HANDGRAAF, Michel J. J.; VAN DIJK, Eric; VERMUNT, Riël C.; WILKE, Henk A. M. & DE DREU, Carsten K. W. *Less power or powerless? Egocentric empathy gaps and the irony of having little versus no power in social decision making*. *Journal of Personality and Social Psychology*. 2008, 95 (5): 1136–1149.

MORGENTHAU, Hans J. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*. Alfred A. Knopf, New York, 1950.

HARDING, Luke. *We should beware Russia's links with Europe's right*. The Guardian, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/dec/08/russia-europe-right-putin-front-national-eu>> Acessado em 02.02.2017

HARSANYI, John C.. *Measurement of Social Power, Opportunity Costs, and the Theory of Two-person Bargaining Games*. Behavioral Science, Vol 7, 1962, pp. 67-80.

HERPEN, Marcel van. *Putin's propaganda machine: soft power and Russian foreign policy*. Rowman & Littlefield, London, 2016.

HOBBS, Thomas. *Leviathan or the matter forme and power of a commonwealth ecclesiastical and civil*. The University of Adelaide Library, 2016, Ch. 10. Disponível em

<<https://ebooks.adelaide.edu.au/h/hobbes/thomas/h68l/chapter10.html>> Acessado em 09.06.2017

HOLSTI, O. R. *Making American Foreign Policy*. Taylor & Francis Group, LLC, New York, 2006, p. 41.

HUBERT, Laurent A.. *Misrepresenting Russia: Western perceptions of the Putin years, 1999-2008*. Université de Montréal, 2014, p. 5; p. 47. Disponível em: <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/bitstream/handle/1866/11697/Hubert_Laurent_2014_memoire.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acessado em 24.09.2017

JERVIS, Robert. *The logic of images in international relations*. Columbia University Press, New York, 1989.

JORGE, Tomé Filipe Gaspar. *Media's symbolic power: RT and The Guardian' discursive construction of the EuroMaidan protests and Crimean annexation*. Aalborg Universitet, 2014, p. 8. Disponível em: <http://projekter.aau.dk/projekter/files/201799562/Euromaidan_and_Crimean_Masther_thesis.pdf> Acessado em 08.06.2017

KALAMOVA, Margarita M & KONRAD, Kai A. *Nation Brands and Foreign Direct Investment*. Organisation for Economic Cooperation and Development / Max Planck Institute for Intellectual Property. 2010. Disponível em: <<https://bibliothek.wzb.eu/pdf/2010/ii10-06.pdf>> Acessado em 01.09.2017

KARAGANOV, Sergei. *Russia in the World of Ideas and Images*. Russia in Global Affairs, 2012. Disponível em: <<http://eng.globalaffairs.ru/pubcol/Russia-in-the-World-of-Ideas-and-Images-15709>> Acessado em 03.03.2017

KOJALA, Linas & ZUKAUSKAS, Aivaras. *Russia's Soft Power in Lithuania: The Impact of Conflict in Ukraine*. In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, pp. 187 – 188. Disponível em: <http://liia.lv/site/docs/LIIA_soft_power_book_web_layout.pdf> Acessado em 16.06.2017

Little confidence in Putin, low opinions of Russia. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/08/16/publics-worldwide-unfavorable-toward-putin-russia/pg_2017-08-16_views-of-russia_001/> Acessado em 04.09.2017

KOREJBA, Jakub. *Will Russia Ever Be Soft?*. In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, p. 108. Disponível em: <http://liia.lv/site/docs/LIIA_soft_power_book_web_layout.pdf> Acessado em 27.05.2017

KUNCZIK, M. *Images of Nations and International Public Relations*. Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey, 1997, pp. x – xi.

_____. *Public relations: Konzepte und Theorien*. Bohlau, 1993, p. 15.

KUNDNANI, Hans. *Germany Is Rekindling Its Bromance With Russia*. Foreign Policy, 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/07/07/germany-is-rekindling-its-bromance-with-russia/>> Acessado em 25.04.2017

LAKOFF, George. *How to Frame Yourself: A Framing Memo for Occupy Wall Street*. George Lakoff, 2011. Disponível em: <<https://georgelakoff.com/2011/12/11/how-to-frame-yourself-a-framing-memo-for-occupy-wall-street/#more-1513>> Acessado em: 15.09.2017

LARUELLE, Marlene. *The "Russian World" Russia's Soft Power and Geopolitical Imagination*. Center on Global Interests, 2015. Disponível em: <http://globalinterests.org/wp-content/uploads/2015/05/FINAL-CGI_Russian-World_Marlene-Laruelle.pdf> Acessado em: 10.06.2017

LE BON, Gustave. *The Crowd: A Study of the Popular Mind*. Kitchener, 2001, pp. 23 – 24, p. 40. Disponível em: <<https://socserv2.socsci.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/lebon/Crowds.pdf>> Acessado em 11.08.2017

Le camp russophone écrasé par référendum en Lettonie. Libération, 2012. Disponível em: <http://www.liberation.fr/planete/2012/02/19/le-camp-russophone-ecrase-par-referendum-en-lettonie_797119> Acessado em 07.06.2017

LEBEDEVA, M. M. *International Relations Studies in the USSR/Russia: Is there a Russian National School of IR Studies?*. Global Society, 18, 3, 2004, pp. 263 – 278.

LEONARD, Mark & POPESCU, Nicu. *A Power Audit of EU-Russia Relations*. European Council on Foreign Relations, 2007, pp. 1 - 2. Disponível em: <<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000039001-000040000/000039920.pdf>> Acessado em 26.05.2017

Little confidence in Putin, low opinions of Russia. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/08/16/publics-worldwide-unfavorable-toward-putin-russia/pg_2017-08-16_views-of-russia_001/> Acessado em 06.09.2017

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, p. 38.

LLOYD, John. *Why nobody lords it over the press barons*. The Guardian, 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2009/jan/26/alexander-lebedev-evening-standard-press-publishing-murdoch>> Acessado em: 05.05.2017

LUCAS, Edward. *The New Cold War: How the Kremlin Menaces Both Russia and the West*. London, 2008, p. 19.

LUKYANOV, F. *Why Russia's Soft Power is Too Soft*. Global Affairs, 2013. Disponível em: <<http://eng.globalaffairs.ru/redcol/Why-RussiasSoft-Power-Is-Too-Soft-15845>> Acessado em 20.12.2016

MACHIAVELLI, Niccolò. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 417.

MADEIRA, Victor. *Russian Subversion - Haven't we been here before?*. The Institute for Statecraft, 2014. Disponível em: <<http://www.statecraft.org.uk/research/russian-subversion-havent-we-been-here>> Acessado em 03.06.2017

MAKARYCHEV, Andrey S.. *Europe as an Argument: Two Ontologies of the Russia's EU Discourse and their Deconstructio*. NORDFACE Workshop, Nupi, 2007. Disponível em: <<https://sange.fi/norface/files/s1-makarychev.doc>> Acessado em 02.09.2017

_____. *Russia's Discursive Construction of Europe and Herself: Towards New Spatial Imagery*. In: *Post-Soviet In/Securities: Theory and Practice*, Mershon Center, Ohio State University, 2005. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.621.4380&rep=rep1&type=pdf>> Acessado em 20.09.2017

MÄKINEN, Sirke. *European Perceptions of Russia's Image and Identity*. Europe and the European Union: Development of Identities, University of Tampere, Finland, 2013. Disponível em: <<http://ashpi.asu.ru/ic/wp-content/uploads/European-Perceptions-of-Russia%E2%80%99s-Image-and-Identity.pdf>> Acessado em 19.02.2017

MÄNDRE, Charis. *Europe in conflict – an analysis of European discourses in light of the Ukrainian crisis*. University of Tartu, European College, 2015, pp. 61 – 62. Disponível em: <http://dspace.ut.ee/bitstream/handle/10062/46911/Mandre_Charis_2015.pdf> Acessado em 13.08.2017

MARCELLA, Gabriel. *National Security and the Interagency Process*. In BARTHOLOMEES, Jr., J. Boone. *U.S. Army War College Guide to National Security Policy and Strategy*. United States Army War College, 2004, p. 239.

MCCLELLAND, Charles A. *General Systems and the Social Sciences*. ETC: A Review of General Semantics, vol 18, no. 4, 1962, 449 – 468.

MEDVEDEV, Sergei. *Rethinking the National Interest: Putin's Turn in Russian Foreign Policy*. George C. Marshall - European Center for Security Studies, The Marshall Center Papers, No. 6, 2003, p. ix; p. 47. Disponível em: <http://www.marshallcenter.org/mcpublicweb/MCDocs/files/College/F_Publications/mcPapers/mc-paper_6-en.pdf> Acessado em 25.09.2017

MEISTER, Stefan. *An alienated partnership: German-Russian Relations after Putin's Return*. The Finnish Institute of International Affairs. FIIA Briefing Paper 105, 2012. Disponível em: <<http://www.fiia.fi/assets/publications/bp105.pdf>> Acessado em 13.05.2017

MILLER, G. A., GALANTER, E., & PRIBRAM, K. H. *Plans and the Structure of Behavior*. New York: Holt, 1960, p. 16.

MITROKHIN, Vasiliy. *KGB Lexicon: The Soviet Intelligence Officer's Handbook*. Routledge, London, 2002, p. 13.

MOCKUTĖ, Miglė. *The Images of the Baltic States in the International Media upon Accession to NATO and the EU*. Vilnius University, Institute of International Relations and Political Science, 2008, pp. 34 – 35. Disponível em: <<http://lfpr.lt/wp-content/uploads/2015/08/LFPR-21-Mockute.pdf>> Visualizado em 19.06.2017

MONAGHAN, Andrew. *From Plans to Substance: EU-Russia Relations During the British Presidency*. Institut Français des Relations Internationales, 2005, pp. 4-6. Disponível em: <https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/monaghanenglish_1.pdf> Acessado em 03.06.2017

_____. *The UK and Russia—Towards A Renewed Relationship?* Russian Analytical Digest No. 130, 1 July 2013. Disponível em: <<https://www.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/pdfs/RAD-130-8-10.pdf>> Acessado em 25.06.2017

MOROZOV, V. *Resisting Entropy, Discarding Human Rights: Romantic Realism and Securitization of Identity in Russia*. Cooperation and Conflict. Vol. 37(4). 2002, pp. 425–426.

_____. *Russia in the Baltic Sea Region Desecuritization or Deregionalization?* Cooperation and Conflict: Journal of the Nordic International Studies Association, 2008. Disponível em: <<http://edvardas.home.mruni.eu/wp-content/uploads/2008/12/bs-and-russia.pdf>> Acessado em: 04.06.2017

_____. *V poiskakh Evropy: rossiiskiy politicheskii diskurs i okruzhayushchii mir* (In search for Europe: Russian political discourse and the outside world), Neprikosnovenniy zapas, n° 4(30), 2003. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2003/4/moroz-pr.html>> Acessado em 15.09.2017

Most have little confidence in Putin. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/08/16/publics-worldwide-unfavorable-toward-putin-russia/pg_2017-08-16_views-of-russia_002/> Acessado em 03.09.2017

MOSZYNSKI, Piotr. *Vladimir Poutine à Paris pour renforcer les relations économiques franco-russes*. Radio France Internationale, 2010. Disponível em:

<<http://www.rfi.fr/france/20100610-vladimir-poutine-paris-renforcer-relations-economiques-franco-russes>> Acessado em 07.09.2017

NELSON, R.A., *A Chronology and Glossary of Propaganda in the United States*. Greenwood Press, Westport, 1996, p. 232.

NYE, Joseph S., Jr.. *Bound to lead: the changing nature of American power*. Basic Books, New York, 1990, pp. 153-171.

_____. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.

NYE, Joseph S., Jr. & ARMITAGE, Richard L.. *A Smarter, more secure America*. CSIS Commission on Smart Power, Washington, 2006.

_____. *Smart Power and the U.S. Strategy for Security in a Post-9/11 World*. CSIS Commission on Smart Power, Washington, 2007.

Disponível em:

<http://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/Nye_Armitage_Nov_7_2007_testimony.pdf> Acessado em 06.09.2017

ODEHNAL, Bernhard. *Gipfeltreffen mit Putins fünfter Kolonne*. Tages Anzeiger, 2014. Disponível em: <<http://www.tagesanzeiger.ch/ausland/europa/Gipfeltreffen-mit-Putins-fuenfter-Kolonne/story/30542701>> Acessado em 25.03.2017

Opinion of Russia unfavorable in much of the world. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/08/16/publics-worldwide-unfavorable-toward-putin-russia/pg_2017-08-16_views-of-russia_006/> Acessado em 05.09.2017

ONUICH, Olga. *Brothers Grimm or Brothers Karamazov: The Myth and the Reality of How Russians and Ukrainians View the Other*. In: *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, pp. 37 - 39.

ORTMANN, Stefanie. *Russia as hyper-Westphalian Great Power*. University of Sussex, 2010. Disponível em:

<<https://www.sussex.ac.uk/webteam/gateway/file.php?name=stefanie-ortmann-final-short-draft&site=12>> Acessado em 26.09.2017

OSIPOVA, Yelena. *Seeing Beyond the Bear: Selective Processing and Russian Public Diplomacy in the West*. Global Interests, 2013. Disponível em: <<http://globalinterests.org/wp-content/uploads/2013/08/Russian-Public-Diplomacy-in-the-West.pdf>> Acessado em 07.09.2017

_____. *Selective Processing: A Strategic Challenge for Public Diplomacy an Alternative Approach to Russian Public Diplomacy in the United States*. *Gnovis* 12, no. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.gnovisjournal.org/2012/04/26/selective-processing-a-strategic-challenge-for-public-diplomacy-an-alternative-approach-to-russian-public-diplomacy-in-the-united-states/>> Acessado em 13.02.2017

PAYNE, R.. *Global Issues*. New York, New York. Pearson, 2013. Disponível em: <<https://www.pearsonhighered.com/assets/samplechapter/0/1/3/4/0134202058.pdf>> Acessado em 27.08.2017

PERSSON, Gudrun. *Russian Influence and Soft Power in the Baltic States: the View from Moscow*. In: WINNERSTIG, Mike. *Tools of Destabilization: Russian Soft Power and Non-military Influence in the Baltic States*. Swedish Defence Research Agency, 2014, pp. 21 – 22. Disponível em: <http://appc.lv/wp-content/uploads/2014/12/FOI_Non_military.pdf> Acessado em 29.05.2017

Pew Research Global Attitudes Project, Global Indicators Database, 2012. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/database/indicator/27/survey/14/response/Unfavorable/>> Acessado em 01.02.2017

PEZARD, Stephanie; RADIN, Andrew; SZAYNA, Thomas S. & LARRABEE, F. Stephen. *European Relations with Russia: Threat Perceptions, Responses, and Strategies in the Wake of the Ukrainian Crisis*. RAND Corporation, Santa Monica, 2017, p. 6. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR1500/RR1579/RAND_RR1579.pdf> Acessado em 15.06.2017

Poll conducted by Infratest in May 2014 for the German TV channel Das Erste, DeutschlandTREND. ARD, 2014. Disponível em: <<http://www.tagesschau.de/inland/deutschlandtrend2238.pdf>> Acessado em 03.06.2017

Poll shows overwhelming support for permanent NATO presence in Lithuania. Lietuvos Nacionalinis Radijas ir Televizija, 2014. Disponível em:

<http://www.lrt.lt/en/news_in_english/29/55567/poll_shows_overwhelming_support_for_permanent_nato_presence_in_lithuania> Acessado em 07.02.2017

POLYAKOV, Leonid. *Ukraine: Bread with, or without, Freedom?* In: ROSTOKS, Toms & SPRUDS, Andris. *The different faces of "soft power": the Baltic States and Eastern Neighborhood between Russia and the EU*. Latvian Institute of International Affairs, 2015, p. 139.

Disponível em: <http://liia.lv/site/docs/LIIA_soft_power_book_web_layout.pdf> Acessado em 01.06.2017

POMERANTSEV P. & WEISS, M. *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money*. The Interpreter, 2014. Disponível em:

<http://www.interpretermag.com/wp-content/uploads/2014/11/The_Menace_of_Unreality_Final.pdf>

Acessado em 03.06.2017

Promoting human rights and fundamental freedoms through a better understanding of traditional values of humankind: best practices. Human Rights Council, General Assembly, United Nations, 2012. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/LTD/G12/168/73/PDF/G1216873.pdf?OpenElement>>

Acessado em 05.06.2017

Putin: Rússia e Europa devem estar juntas. Sputnik News, 2017. Disponível em:

<<https://br.sputniknews.com/mundo/201706178670582-putin-russia-europa-kohl/>>

Acessado em 19.09.2017

RAPOPORT, Anatol. *Various Meanings of "Theory"*. University of Michigan, 1958.

Disponível em:

<[https://www.acsu.buffalo.edu/~fczagare/PSC%20504/Rapoport%20\(1958\).pdf](https://www.acsu.buffalo.edu/~fczagare/PSC%20504/Rapoport%20(1958).pdf)>

Acessado em 01.03.2017

Razumkov Sociological Poll. Razumkov Centre, 2014. Disponível em:

<http://old.razumkov.org.ua/eng/poll.php?poll_id=919> Acessado em 28.05.2017

RIBEIRO, João Ruela. *Rússia: Fazer oposição a Putin não é uma brincadeira para crianças*. Público, 2017. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/2017/04/03/mundo/noticia/fazer-oposicao-na-russia-nao-e-uma-brincadeira-para-criancas-1767357>> Acessado em 02.09.2017

ROKEACH, M. *The Open and Closed Mind*. Basic Books, Inc., New York, 1960, p. 50.

Russia's presidential election marked by unequal campaign conditions, active citizens' engagement, international observers say. Organization for Security and Co-operation in Europe, 2012. Disponível em: <<http://www.osce.org/odihr/elections/88661>> Acessado em: 20.09.2017

RUTLAND, Peter. *An Unnecessary War: The Geopolitical Roots of the Ukraine Crisis*. In: *and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. E-International Relations Publishing, Bristol, 2015, pp 130 – 131.

SCHMITT, Carl. *The Concept of the Political: Expanded Edition*. The University of Chicago Press; Enlarged edition, 2007, p. 27.

SIMONS, G. *Attempting to Rebrand the Branded: Russia's International Image in the 21st Century*. Russian Journal of Communication 4, 2011.

_____. *Nation Branding and Russian Foreign Policy*. The Swedish Institute for International Affairs, no. 21, 2013. Disponível em: <https://www.ui.se/globalassets/ui.se-eng/publications/ui-publications/nation-branding-and-russian-foreign-policy-min.pdf>> Acessado em 10.05.2017

_____. *Vladimir Putin's political image: an inside and outside perspective*. Baltic Rim Economies, 2017. Disponível em: <<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1098586/FULLTEXT01.pdf>> Acessado em 23.08.2017

SQUIRES, Nick. *WikiLeaks: Silvio Berlusconi 'profited handsomely from Vladimir Putin relationship'*. The Telegraph, December 2nd, 2010. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8176964/WikiLeaks-Silvio-Berlusconi-profited-handsomely-from-Vladimir-Putin-relationship.html> Acessado em: 20.04.2017

STEINBERG, Mark D.. *Religion, Morality, and Community in Post-Soviet Societies*. Indiana University Press, 2009, p. 286.

STOCK, F. *Identity, Image and Brand: A Conceptual Framework*. In: *Place Branding and Public Diplomacy*, Vol 5, no. 2, 2009, pp. 120 - 123.

TARAS, Ray. *Russia's Identity in International Relations: Images, perceptions, misperceptions*. Routledge, New York, 2013, p. 2.

The United Kingdom's relations with Russia. House of Commons, Foreign Affairs Committee, 2017, p.3. Disponível em:

<<https://publications.parliament.uk/pa/cm201617/cmselect/cmfaaff/120/120.pdf>>

Acessado em 25.07.2017

THOMANN, Pierre-Emmanuel. *The European project and Russia: the necessity to identify common geopolitical interests to overcome the current crisis*. Eurocontinent, 2017. Disponível em: <<http://www.eurocontinent.eu/2017/04/the-european-project-and-russia-the-necessity-to-identify-common-geopolitical-interests-to-overcome-the-current-crisis/>> Acessado em 13.08.2017

TORBAKOV, Igor. *Understanding Moscow's conduct: The analysis of the domestic politics-foreign policy nexus in Russia*. In: Meister, Stefan. *Economization versus power ambitions: Rethinking Russia's policy towards post-Soviet states*. Nomos, Baden-Baden, 2013, p. 29.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. P. 20. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/-460_-400,_Thucydites,_History_Of_The_Peloponnesian_War,_EN.pdf> Acessado em 26.08.2017

TRENIN, Dmitri R. & MALASHENKO, Aleksei. *Russia's Restless Frontier: The Chechnya Factor in PostSoviet Russia*. Washington, DC, 2004, p. 202.

TSYGANKOV, Andrei. *Russia's foreign policy: change and continuity in national identity*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2013, p. 18.

_____. *Towards a New Strategy of Civilizational Concentration*. Russia in Global Affairs, 2017. Disponível em: <<http://eng.globalaffairs.ru/number/Towards-a-New-Strategy-of-Civilizational-Concentration-18758>> Acessado em 20.09.2017

VAISSIE, Cecile. *Kremlin's Networks in France*. Ukrainian Centre for Economic & Political Studies, National Security & Defense, no. 9-10, 2016, p. 107. Disponível em: http://razumkov.org.ua/uploads/journal/eng/NSD167-168_2016_eng.pdf> Acessado em 03.03.2017

VICE, Margaret. *Publics Worldwide Unfavorable Toward Putin, Russia*. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2017/08/16/publics-worldwide-unfavorable-toward-putin-russia/>> Acessado em 17.08.2017

VIOTTI, P. R. & Kauppi, M. V.. *International Relations and World Politics*, Fifth Edition. New York, New York. Pearson, 2013, p. 202.

Vladimir Putin Meets with Members the Valdai International Discussion Club. Valdai Discussion Club, 2013. Disponível em: http://valdaiclub.com/a/highlights/vladimir_putin_meets_with_members_the_valdai_international_discussion_club_transcript_of_the_speech_/> Acessado em 10.04.2017

Vladimir Putin: President, Russia. Forbes. Disponível em: <https://www.forbes.com/profile/vladimir-putin/>> Acessado em 13.09.2017

WALTZ, K. N. *Man, The State and War: A Theoretical Analysis*. New York; Columbia Univ. Press, 2001, p.63.

WELCH, David. *Nazi Propaganda: The Power and the Limitations*. Routledge, London, 2014, pp. 1 -10.

WESSLAU, Fredrik. *Putin's friends in Europe*. European Council on Foreign Relations, October 19th, 2016. Disponível em: http://www.ecfr.eu/article/commentary_putins_friends_in_europe7153> Acessado em 09.06.2017

WESTEN, Drew. *Political Brain: The Role of Emotion in Deciding the Fate of the Nation*. Public Affairs, New York, 2008, p. 35.

WRIGHT, Quinc. *The Study of International Relations*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1955, p. 130.

_____. *Design for a Research Project on International Conflict and the Factors Causing Their Aggravation or Amelioration*. *Western Political Quarterly*, 10 1957, p. 266.

ZEPA, B. *Citizenship, official language, bilingual education in Latvia: Public policy in the last 10 years*. GIORDANO Chr., ŽVINKLIENE A., HENSELER D. (eds.) *Baltic States. Looking at Small Societies in Europe's Margin*. Fribourg: University Press, Fribourg. 2003. p. 83–98.